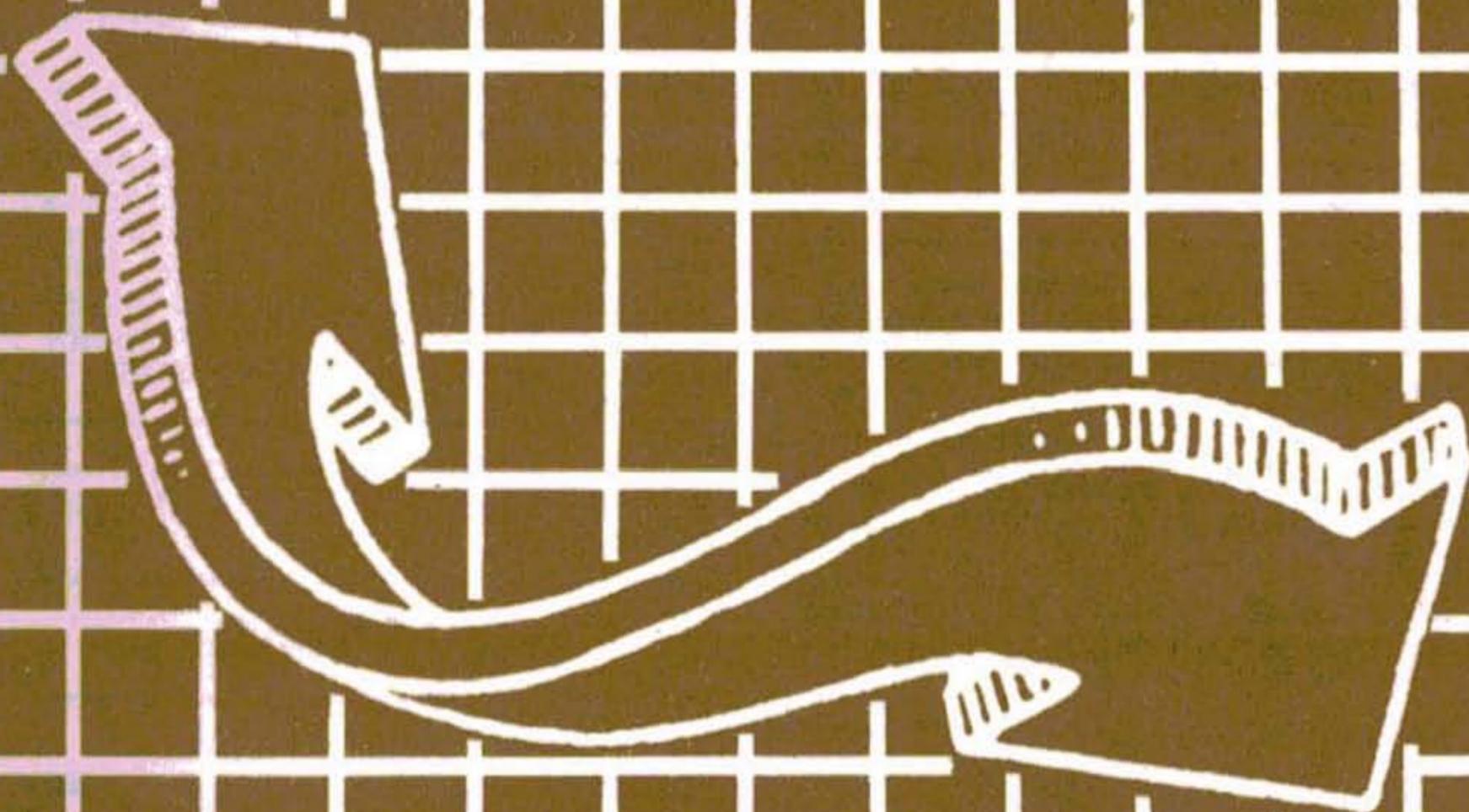


# convergência

SET — 1984 — ANO XIX — Nº 175



- **VIDA RELIGIOSA A SERVIÇO DA REDENÇÃO**  
Pe. Ricardo Antoncich, SJ — página 407
- **RESPOSTA DA VIDA RELIGIOSA AO HOJE DA AMÉRICA LATINA**  
VIII Assembléia Geral da CLAR — página 412
- **PELA REDENÇÃO DA AMÉRICA LATINA**  
Pe. Francisco Taborda, SJ — página 445

**CONVERGÊNCIA**  
Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falquetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

**Equipe de Programação:**  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, PIDP  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar  
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

---

#### Assinaturas para 1984:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:  
Até 30.04.1984 ..... Cr\$ 12.000,00  
Exterior: marítima ..... US\$ 26,00  
          aérea..... US\$ 34,00  
Número avulso ..... Cr\$ 1.200,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

---

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

---

#### Nossa Capa

Uma simples SETA retorcida e em trejeitos a indicar duas direções. Roland Barthes propõe dois elementos de medida para se avaliar o interesse de um desenho ou de uma foto quaisquer: o *studium*, ou seja, o esforço e inclinação cultural de cada um; e o *punctum*, isto é, um detalhe que parte da imagem e atinge, de imediato, a consciência. Coisas óbvias se revestem, por vezes, de maior complexidade. Aceitando-se, todavia, a regra deste jogo semiológico de avaliação, pode-se concluir sobre nossa capa: a SETA, como figurada, é o emblema da indecisão, da ambigüidade, da indefinição, do gosto da pesca em águas turvas. O significado é evidente demais para ser tido como definitivamente apreendido. Para baixo ou para cima? Muito pelo contrário. Avançar ou retroceder? Nem uma nem outra alternativa. Permanecer.

Marcar passo. Estacionar. Denunciar (direção inferior) avivando a consciência dos erros? Ou, anunciar (direção superior) os caminhos a percorrer? Nada disso. Omitir-se, esta forma sinuosa de dourada irresponsabilidade. Há conflitos compatíveis com a Vida Religiosa. E, por isso, fecundos. Outros há, entretanto, irreconciliáveis com ela. E, por isso, estéreis e dopantes. A indecisão e a ambigüidade são espécies deste gênero. O Evangelho é categórico: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6, 24). E o Apocalipse, ao anjo da Igreja de Laodicéia, registra: "Porque és morno, nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca" (Apoc 3, 16). **CONVERGÊNCIA**, a revista dos Religiosos e Religiosas do Brasil, veicula um discurso afirmativo, revelador de coragem e de fé na Vida Religiosa. A falta de audácia de nossa parte pode paralisar o Espírito. **CONVERGÊNCIA**, leitura útil para qualquer momento e na formulação do futuro. Alarga o espaço onde os Religiosos se irmanam aos seus ideais, numa comunhão mais freqüente e mais fácil, aprimorando o traço de união por que tanto se empenha a Conferência dos Religiosos do Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

---

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

---

## SUMÁRIO

---

EDITORIAL .....	385
PELA REDENÇÃO LATINO-AMERICANA .....	387
CLAR: 25 ANOS .....	391
VIDA RELIGIOSA A SERVIÇO DA REDENÇÃO Pe. Ricardo Antoncich, SJ .....	407
RESPOSTA DA VIDA RELIGIOSA AO HOJE DA AMÉRICA LATINA .....	412
PLANO GLOBAL DA CLAR .....	422
CARTA: D. ALOÍSIO LORSCHIEDER .	426
INFORME: PRESIDÊNCIA DA CLAR .	427
COMUNHÃO E INSERÇÃO .....	439
CARTA À CRB NACIONAL .....	443
CARTA À CRB FORTALEZA .....	444
PELA REDENÇÃO DA A. LATINA Pe. Francisco Taborda, SJ .....	445

# EDITORIAL

A Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR) está de parabéns! Completa 25 anos de existência e de incansável serviço aos religiosos do Continente latino-americano.

De 27 de março a 5 de abril, em Fortaleza, CE, a "XX Junta Directiva" da CLAR congregou 24 das 25 Conferências Nacionais confederadas, através dos respectivos presidentes, a fim de lançar a celebração das Bodas de Prata com solene Te Deum e fraterna partilha das incontáveis munificências do Senhor. Além dos participantes 'ex officio' estiveram presentes também alguns assessores teólogos, representantes de diversos organismos, como a CNBB, CELAM, CIEC, UISG (Roma), CONFER (Espanha), UCESNE (União das Conferências Europeias de Superiores Maiores), os Bispos Auxiliares de Fortaleza e Dom Aloísio Lorscheider, um dos grandes incentivadores da CLAR nesses 25 anos e que demonstrou, mais uma vez, seu apoio irrestrito e fraterno.

O lançamento da celebração dos 25 anos da CLAR poderia ter ocorrido em qualquer lugar de nosso sofrido Continente, mas a escolha de Fortaleza obedeceu a expresso desejo da Diretoria, que tencionava aliar a reflexão e a busca de metas a uma real experiência de inserção e de contato com a vida de tantos reli-

giosos engajados nos meios populares.

A escolha não poderia ser mais acertada. A Regional da CRB, empenhou-se ao máximo e propiciou condições excepcionais para que os critérios decorrentes da seleção de Fortaleza não fossem defraudados. De fato, para que o evento não ficasse restrito aos religiosos oriundos de outras paragens, o povo participou através do estudo e abordagem de três folhetos contendo a história da CLAR e amplo debate acerca da Vida Religiosa, sua significação para as comunidades e sobre a qualidade da presença dos religiosos na atuação pastoral, tal como pode ser percebida pelos cristãos.

Essa movimentação popular culminou em apoteótica celebração litúrgica numa igreja de periferia, que impressionou sobremaneira a quantos tiveram oportunidade de um contato direto com o povo, no domingo, dia 1º de abril, tanto pela espontaneidade quanto pela profundidade teológica das respostas sobre os mais variados temas, sobretudo a presença de Jesus Cristo entre os sofredores e pequeninos. O diálogo com o povo constituiu-se em evidente constatação da presença atuante do Senhor na caminhada dos pobres e simples de coração. Tal o impacto da experiência, amadurecida em se-

guida, na oração e no discernimento, que o texto final do encontro, a princípio formal, estruturado e teológico, desaguou numa carta aos irmãos religiosos da América Latina despojado, despretencioso e simples, porém corajoso e comprometedor.

Este número de **"Convergência"** interrompe sua programação normal para partilhar, com os leitores, o acontecimento de Fortaleza. Quer situar a CLAR, tantas vezes desconhecida e distante, no contexto histórico salvífico desses 25 anos da instituição, marcados por três momentos convergentes e fundamentais na vida da Igreja universal e na Igreja do continente latino-americano: o Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla. Na esteira desses três acontecimentos eclesiais pode-se ler e compreender a importância da CLAR para a revitalização da Vida Religiosa, sobretudo em suas dimensões profética e carismática.

**"Convergência"** quer ainda manifestar à CLAR, a quantos estiveram à frente desta instituição, o agradecimento dos reli-

giosos do Brasil pelo exemplo de fidelidade à Igreja assumindo com destemor, alegria e indefectível esperança, as opções da Igreja manifestadas em Medellín e Puebla, e oferecendo um serviço fraterno e seguro à vida consagrada no Continente.

Nossa solidariedade à CLAR não se prende unicamente à efeméride e à esporádica celebração de um acontecimento até relativamente secundário para uma instituição, mas ao sinal que traz em seu bojo e ao apelo que nos transmite. Queremos manifestar nossa comunhão com todos os religiosos de nosso Continente e queremos reafirmar nosso compromisso de ombrearmos responsabilidades e entusiasmo pela Redenção da América Latina. Junto com os demais 150.000 religiosos do Continente, conscientes da força pastoral que esse significativo contingente representa para a Igreja, reafirmamos nossa fé no radical seguimento de Jesus Cristo, presente em nossa história e no meio de nosso povo.

**Irmão Claudino Falchetto FMS**  
Presidente Nacional da CRB

---

### Diálogos — 1 —

**Bíblia:** "A cada um é dado algum sinal da presença do Espírito Santo para o bem comum" (1 Cor 12,7).

**Leitor:** Ninguém é cristão para si. Os dons e os carismas não nos pertencem. São-nos dados para benefício de todos. É preciosa doação feita à comunidade.

# PELA REDENÇÃO LATINO-AMERICANA

## Conferência dos Religiosos do Brasil Regional de Fortaleza

Com o tema "Pela Redenção Latino-Americana", a CLAR (CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DOS RELIGIOSOS) criada pela Santa Sé, em 1959, desejou comemorar seus 25 anos. Para celebrar o evento, a XX Junta Diretiva da CLAR escolheu a cidade de Fortaleza por ser Nordeste do Brasil, e por ter à frente da Arquidiocese o Cardeal Aloísio Lorscheider de quem sempre recebeu apoio quando este era Presidente do CELAM.

A Porciúncula, casa de encontros, dirigida pelas Missionárias Capuchinhas, foi o local escolhido para o encontro celebrativo, ocorrido de 27 de março a 5 de abril de 1984. Aos Superiores Maiores de Fortaleza foi dada a possibilidade de presença, na qualidade de observadores, no período de 27 de março a 2 de abril.

Os objetivos da celebração eram:

— revitalizar a resposta da CLAR como organismo de animação, a partir dos desafios que o momento atual coloca diante dos Religiosos;

— fortalecer a comunhão entre seus membros, ao celebrar a vida em louvor, oração, súplica e perdão;

— aproveitar a ocasião dos 25 anos para renovar a entrega do Organismo a serviço da Redenção Latino-Americana.

### Preparação da assembléia da CLAR em Fortaleza

A CRB de Fortaleza, desejosa de envolver o povo e os Religiosos nesse acontecimento, elaborou roteiros de novena, aproveitando a festa de São José, Padroeiro do Ceará. Temas evangélicos, como do tesouro e do Bom Pastor, deram ocasião de aprofundar o sentido da Vida Religiosa, os tesouros escondidos na vida do povo, e a importância do compromisso na luta pela defesa da vida.

— Respostas do povo às perguntas em preparação ao Encontro da CLAR.

O roteiro das novenas constavam de um texto evangélico e perguntas para reflexão. O povo do Fortaleza, interrogado sobre a Vida Religiosa, não negou sua resposta. À pergunta sobre "como deve ser o religioso para servir a Igreja dos Pobres", veio como resposta: o Religioso par-

tipice da vida dos pobres, seguindo de perto suas necessidades, assumindo compromisso junto com eles, sendo fiel à comunidade, sinal de esperança, engajado na luta, autêntico na sua opção de vida, firme e fiel ao apelo de Deus, presença ativa no meio do povo.

Para imitar Jesus, o Bom Pastor, dando também sua vida pelo povo, os Religiosos devem engajar-se nas comunidades (povo), sentir real necessidade, ser sensíveis aos acontecimentos, empenhar-se em anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo, lutar com o povo por sua organização, abrir caminhos, escutar, aprender do povo, acreditando e valorizando a sua cultura, formando-se junto com ele.

### — Participação dos Religiosos.

Valiosa também foi a colaboração dos Religiosos na preparação da Assembléia, participando das novenas, estudando os temas da Assembléia, contribuindo com a organização de todo o Encontro, preparando cartazes sobre os objetivos e carismas das Congregações, nas equipes de serviço, etc.

### Desenvolvimento da assembléia

Na tarde do dia 27, a Assembléia foi iniciada com um TE DEUM de Ação de Graças, presidido pelo Pe. Mateo Perdia, Presidente da CLAR. Éramos uns oitenta Religiosos, representando todo Continente Latino-Americano. Fazia-se também presente o CELAM, nas pessoas de Pe. Luis Eduardo Castaño, Secretário

Executivo e Dom Argemiro Monze, membro do Departamento de Vida Consagrada; a UISG, na pessoa de Ir. Ana Elda Bernasconi, Vice-Presidente das Superiores Maiores; a CIEC, na pessoa do Irmão Orlando da Cunha Lima, Presidente. Era com alegria que nos encontrávamos, para juntos buscar ser sempre essa presença de Igreja, Fermento no meio do povo.

O Encontro desenvolveu-se sob uma linha de força inspirada na Redenção de Cristo. Esse mistério toma, na América Latina, um sentido significativo de libertação de todo tipo de morte que podemos descobrir nos fatos da história.

A partir dos Informes das Conferências, lidos e discutidos em grupos, vimos os desafios que o momento histórico coloca, os caminhos percorridos pelas Conferências, as grandes linhas que inspiraram o caminho, tentando ver onde a Redenção já está atuando significativamente.

Como disse a CLAR em seu comunicado aos Religiosos: “uma notável coincidência ia ressoando como música de fundo. Salientavam-se entre todos, o tema da comunhão com a Igreja e com o povo, e o da opção pelos pobres que, nos últimos anos, foi tomando uma força admirável”. Escolhendo como tema de interesse comum, a comunhão, cada grupo desenvolveu esse tema sob perspectivas diferentes. Da reflexão sobre comunhão encaminhou-se um projeto comum, do qual resultou a INSERÇÃO, como tema gerador da Vida Religiosa Latino-Americana.

## — Inserção.

A inserção é tida como comunhão com o povo, inculturação, sendo expressão e exigência da comunhão com Deus. Não é apenas inserção física no meio dos pobres, como um fenômeno da Vida Religiosa, mas a expressão mais pura do viver a VR na América Latina. O típico da Vida Religiosa na América Latina é essa inserção. Para que essas experiências de inserção sejam verdadeiramente geradoras de novos horizontes e compromissos na Vida Religiosa, e não um fenômeno marginal e secundário, as Conferências deveriam mediar, apoiando as comunidades inseridas, sendo instâncias de diálogo, promovendo cursos de consciência crítica, incentivando o aumento de comunidades inseridas, partilhando as experiências já existentes, dando a conhecer os êxitos, lacunas e fracassos. Para que essa teoria vá se tornando prática, muitas dificuldades devem ser superadas, como: o choque de mentalidade, o medo do risco, a impaciência das Congregações ante as experiências, a falta de preparação dos que se inserem, a falta de uma metodologia adequada, a falta de uma assessoria teológica para as Conferências, e muitos outros.

Fundamentando o tema "inserção", o Pe. Francisco Taborda, SJ, focalizou os seguintes aspectos: **Lugar social e lugar geográfico:** chamamos lugar geográfico onde estamos com nossos pés, e lugar social onde estamos com o coração. Podemos estar no lugar geográfico do pobre e no lugar social do opressor ao mesmo tempo. **Opção preferencial pelos**

**pobres:** é assumir o lugar social dos pobres, uma exigência para todos os cristãos, segundo a essência mesma do Evangelho. Anunciar o Evangelho a todos, mas a partir dos pobres. **A Vida Religiosa um modo de ser cristão:** a opção pelos pobres é o mínimo que se pode exigir dos Religiosos. **Deslocamento do eixo da Vida Religiosa:** para o futuro, a proposta de projeto comum vê a Vida Religiosa centrada no eixo dos pobres. É bom que se chegue a morar na periferia, mesmo trabalhando num colégio: a pobreza será mais inteligível. **Comunhão** é a tarefa prioritária da CLAR. Fazer comunhão em torno dos pobres. O Reino vai se construir a partir daí. Entrarão nessa comunhão os que deixam tudo a serviço dos pobres: comunhão com o projeto do Pai, com os Bispos, com os Religiosos, com todos. **Espiritualidade** centrada profundamente no discernimento com a prática real, da busca do projeto do Pai que vai à inserção e à comunhão. É uma opção que nos compromete no caminho de libertação dos pobres.

## O povo na celebração

Um dos objetivos da Assembléia da CLAR era conhecer a realidade do povo e sentir a ação dos Religiosos no meio deles. Para isso a CRB de Fortaleza organizou encontros com: educadores voltados para a educação e para a justiça; e lideranças de comunidades de base, em reflexão sobre os Direitos Humanos; visita a algumas Comunidades Religiosas Inseridas. Foi um momento forte, onde o povo colocou sua caminhada e se abriu a uma outra rea-

lidade, onde os Religiosos sentiram mais forte seu compromisso nessa missão libertadora.

O ponto alto de todo o encontro foi a celebração Eucarística realizada na Igreja de N. Sra. das Graças, no Bairro do Pirambu, Paróquia fortemente comprometida nas lutas e sofrimentos do povo. A Igreja foi decorada carinhosamente com painéis retratando pessoas que marcaram a caminhada da Igreja da América Latina, como D. Romero, Frei Tito de Alencar, Santo Dias, Dom Hélio Campos. Havia também um grande painel lembrando o martírio lento por que passam os camponeses da América Latina, assim como um grande retrato de Dom Helder Câmara.

A missa foi preparada por uma equipe que teve a preocupação de integrar o povo na celebração, através de depoimentos de lavradores,

operários, representantes do movimento de união e consciência negra. Não faltou também o apelo do povo indígena, expressando suas expectativas quanto à missão dos Religiosos junto ao povo oprimido do Continente. Foi uma celebração de muita esperança, onde os Religiosos, através da Junta Diretiva da CLAR, renovaram o testemunho de sua fé e o compromisso do Evangelho:

... “Cremos que Deus nos chamou, Religiosos e Religiosas deste Continente, para, como Jesus, unir nossas vidas à causa e ao destino dos pobres, fazendo-nos solidários com sua opressão, e caminhando com eles rumo à sua libertação plena.

“Renovamos nosso compromisso de seguir a Jesus, pobre, casto e obediente, em sua missão de anunciar e construir um Reino de Fraternidade, Justiça e Paz.”

---

## Diálogos — 2 —

**Bíblia:** “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. Tudo o que ligares sobre a terra, será ligado nos céus. Tudo o que desligares sobre a terra, será desligado, também, nos céus” (Mt 16,18-19).

**Leitor:** É tendência moderna, fruto de ingênuo espiritualismo individualista, querer cada um regular, com exclusividade, suas relações com Deus. No entanto, “o que ligares”, isto é, condenares, declarares ilícito, e “o que desligares”, ou seja, absolveres, declarares lícito, será ratificado, também, no céu. Na Igreja, por vontade de seu Fundador, alguém decide sobre o acesso ao Reino. Alguém garante a autenticidade de nossas relações pessoais com Deus. Alguém age na terra mas atinge o céu.

# CLAR: 25 ANOS

## A Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) comemora seus 25 anos de existência (\*)

### 1) — CARTA AO LEITOR

Amigo leitor

Ao iniciarmos a celebração desta data jubilar — Bodas de Prata da instituição da CLAR —, queremos convidar a todos os religiosos da América Latina a dar graças ao Senhor por estes 25 anos de história.

Com efeito, já fazem 25 anos que a Santa Sé criou na Igreja um novo Organismo Canônico, a CLAR, com a finalidade de renovar e dar novo impulso à vida religiosa no Continente. E esta instituição nasceu sob a proteção de padrinhos muito importantes: nada menos que o CELAM e os Superiores Maiores da América Latina, cuja herança, ao longo dos anos, revitalizou e fortaleceu este organismo, para continuar em sua caminhada, crescendo cada vez mais apesar das muitas dificuldades.

Desde seu nascimento, a CLAR aprendeu a ser profeta e radical, porque a sua tarefa fundamental foi de ser fermento na massa e espaço

de liberdade. Inspirou-se numa mentalidade de mudança e cresceu no caminho da Redenção Latino-Americana que traz consigo, como premissa, as reformas necessárias para realizá-las. Consciente de que sua missão era possível, embora não de fácil realização, ela a aceitou com responsabilidade e — durante 25 anos — lutou para ser fiel ao seu primeiro compromisso que assinou com a Igreja em 1959.

Sua Carta Magna, a essência de sua espiritualidade, se encontra em “A vida segundo o espírito nas comunidades religiosas da América Latina”. E com essa “ideologia” a CLAR foi presença ativa, marcante e livre em Medellín e Puebla, traços estes que marcam e justificam a celebração destas Bodas de Prata.

Vinte e cinco anos de existência já representam uma ampla experiência histórica. A CLAR conseguiu perseverar porque o Senhor manifestou sua grandeza para conosco. E hoje — 1983 — é grande também a nossa alegria que nada nem ninguém pode nos tirar, porque são muitas as bênçãos que d’Ele temos recebido.

Nossa caminhada — mesmo entre erros inevitáveis que ocorreram

(\*) Tradução do Boletim CLAR (Ano XXI, n.º 12, dez. 1983), feita, do castelhano, por SEDOC, Petrópolis, RJ.

no caminho —, alimentou-se desta fidelidade profunda e madurecida que caracteriza a vida de tantos religiosos e religiosas, dispostos a entregar no dia-a-dia sua vida para o bem do Povo de Deus. Foi iluminada graças à reflexão que a equipe de teólogos da CLAR vem realizando a partir do compromisso com o povo, com os pobres. Foi dinamizada em 55 seminários, que imprimiram sua marca em 2.068 religiosos e religiosas de todos os países da América Latina. E, finalmente, se firmou não numa estrutura de prestígio, nem numa instituição que se sente mestra, mas sim numa rede de fraternidades que, de um extremo ao outro do inteiro Continente, reúne mulheres e homens consagrados que sabem de serem amigos e se confessam irmãos. Pessoas que se conhecem pelo nome, que têm sempre a porta aberta para o outro e alcançam esse nível de intimidade sacramental onde se pode compartilhar, com humildade e satisfação, a experiência do Cristo libertador e a esperança dos pobres.

É isso que as nossas Bodas de Prata querem significar. A história de uma grande fraternidade latino-americana, de um movimento de animação. O itinerário de uma amizade. A construção permanente da comunhão ao serviço de toda a Igreja. Quem fez tudo isso, entretanto, não há dúvida, foi o Senhor. Nossa colaboração — nem sempre feliz nos resultados —, tem sido marcada pelo esforço e a fidelidade, apesar dos erros que a ela somente se devem atribuir. Por isso, não mencionamos aqui outro nome a não ser o de Jesus Cristo. Não temos per-

sonagens a quem rendermos homenagem como atores ou autores de nossa história, mas tão-somente servidores CLAR, dóceis e valentes, que permaneceram fiéis aos objetivos da instituição. Para eles uma recordação agradecida e o desejo de que o Senhor os recompense em graça.

E olhando para o ano 2000, continuaremos fiéis ao passado de nosso futuro. Nós sabemos que nesta direção se constrói o Reino e que este é o desígnio que nos traçou a Igreja, fundadora da CLAR. Nós gostaríamos que nos ajudassem a sermos agradecidos e que nos acompanhassem no esforço de tomarmos novo impulso na tarefa que nos cabe **pe-la redenção latino-americana**, nos últimos quinquênios deste século XX tão próximo ao seu término.

Fraternalmente,

**Hermengarda Alves Martins, RSCJ**  
Secretária-Geral da CLAR

## 2) — CLAR — 25 ANOS

### Projeto para sua celebração

A CLAR deseja celebrar estes 25 anos, numa atitude de ação de graças ao Senhor, que nos confiou a missão de animar a vida religiosa na América Latina, caminhando juntos com todo o Povo de Deus, comprometidos com Jesus ao serviço da Redenção.

Nestes 25 anos a CLAR, mantendo-se fiel às orientações do Vaticano II, de Medellín e Puebla:

— tem incentivado os religiosos da América Latina a assumirem institucional e pessoalmente, cada vez mais, sua própria responsabilidade na história salvífica do Continente;

— tem gerado entre nós — através deste esforço de convocação —, um sentido de corpo e de coesão mútua, tornando-nos conscientes de que existe uma vida religiosa latino-americana com sua história, suas realizações e suas aspirações concretas;

— tem impulsionado a comunicação e as relações entre conferências nacionais. A CLAR, consciente de ser uma instituição da Igreja, no âmbito da vida religiosa da América Latina, apesar de suas limitações, sente-se impelida a ser construtora de comunhão num Continente dividido que apresenta tantos e tão graves problemas para o anúncio do Reino;

— tem alimentado e fortalecido uma teologia da vida religiosa latino-americana:

- projetando uma imagem renovada do religioso e de seu papel na sociedade;

- oferecendo um estilo de vida que atue a partir da realidade iluminada pela fé;

- buscando uma resposta radical ao Evangelho, para vivê-lo com toda a sua força libertadora no meio dos pobres.

### **Objetivo geral**

Com esta celebração nós queremos reconhecer a **Ação** do Senhor na caminhada realizada pela vida

religiosa da América Latina durante estes 25 anos:

- renovando o nosso compromisso de seguir a Jesus Cristo hoje;

- aprofundando o sentido de nossa entrega à causa do Reino;

- promovendo um clima favorável de comunhão que contribua para a solução dos conflitos que vivemos neste tempo histórico e para anunciar eficazmente a aproximação do Reino do Pai.

### **Objetivos específicos**

1. Favorecer um aprofundamento amplo dos fatores que concernem à teologia da vida religiosa amadurecida ao longo destes anos.

2. Coletar experiências significativas dos religiosos na América Latina no sentido de propiciar, sobretudo entre os jovens, o conhecimento e a compreensão de uma vida consagrada ao serviço do povo.

3. Promover o intercâmbio entre bispos, sacerdotes e agentes de pastoral a fim de que se tome consciência do lugar peculiar que a vida religiosa tem no seio da Igreja local.

### **Crítérios gerais**

1. Dar ênfase a uma conduta simples e austera:

- evitando celebrações triunfalistas,

- fomentando um ambiente de comunhão e oração,

- levando em apreço a cultura de cada povo.

2. Proporcionar elementos para a formação:

— conhecendo as motivações e expectativas dos jovens a respeito da vida religiosa,

— promover o intercâmbio de experiências de formação.

3. Valorizar o aspecto da experiência de base como ponto de partida e chegada de toda reflexão, numa dinâmica de ação-reflexão-ação, realizando reuniões e trabalhos que tomem:

— a experiência da vida como eixo;

— a análise crítica da experiência e da criatividade, como método de trabalho;

— um ambiente de encontro, comunhão e fraternidade, como meio de enriquecimento mútuo e estímulo.

4. Vivenciar em conjunto as quatro tendências:

- experiência de Deus,
- compromisso e solidariedade com os pobres,
- inserção na Igreja local,
- fraternidade.

5. Nomear em cada conferência um responsável pelo projeto "25 Anos".

### **Responsabilidades das Conferências Nacionais**

1. Assumir nas assembleias de 1984 o tema proposto para reflexão

e compartilhar esta experiência com as respectivas comunidades locais.

2. Promover encontros que tornem as sedes das conferências lugares de oração, comunhão e vivência fraterna.

3. Elaborar artigos sobre a vida religiosa e publicá-los nos boletins das conferências. Escolher alguns destes artigos para jornais e revistas.

4. Organizar uma jornada de oração e jejum em todas as conferências, com inspiração no lema da celebração dos 25 anos, convidando de modo especial todos os que participaram de acontecimentos CLAR (seminários, cursos, comissões diretoras, assembleias, etc.).

### **Responsabilidade da CLAR**

1. Produzir uma mini-série ou documentário em betamax ou filme para TV, com o enfoque no tema proposto aqui, para ser usado nas comunidades.

2. Divulgar entre as comunidades a versão popular das linhas teológicas sobre a vida religiosa, desenvolvidas ao longo destes 25 anos.

3. Elaborar e divulgar um trabalho visando mostrar o que a CLAR representou como movimento de animação da vida religiosa.

4. Coletar e publicar testemunhos proféticos dados por membros da Igreja latino-americana.

5. Elaborar uma pesquisa visando conhecer os problemas e aspirações dos religiosos jovens e os planos de formação existentes.

## **Momentos importantes**

— 20ª Junta Diretora da CLAR que se realizará em Fortaleza, Brasil, de 27 de março a 5 de abril de 1984; começo do Plano "25 Anos".

— Assembléias Nacionais das Conferências, a partir de 1984.

— Seminários, cursos, encontros a nível nacional e latino-americano, a partir de 1984.

— Assembléia Geral da CLAR, 1985: ponto alto do Plano "25 Anos".

### **3) — PELA REDENÇÃO LATINO-AMERICANA**

#### **Reflexão teológica sobre o lema: CLAR — 25 ANOS**

— Nós devemos anunciar uma palavra clara e original.

— Face a um mundo secularizado, temos que dar o testemunho da transcendência. Diante da divisão, opressão e injustiça, o testemunho de uma vida fraterna baseada na fraternidade.

#### **A redenção operada por Jesus**

A síntese da Redenção nos foi dada em Lc 4, 18-19, onde, por um lado, se fala de libertação dos cativos, recuperação da visão para os cegos, mudança de situação para os oprimidos; por outro lado, se anuncia a Boa-Nova aos pobres e a proclamação do Ano de Graça do Senhor.

Isto quer dizer que a Redenção contém dois aspectos: um referente à libertação de toda escravidão e forma de morte; outro, concerne o anúncio da salvação, do começo de uma vida nova e definitiva. Libertação de tudo o que oprime o ser humano: enfermidade, pecado, opressão, para introduzir-nos na vida abundante e plena que Jesus Cristo nos trouxe.

#### **A redenção para nós hoje**

A Redenção de Jesus Cristo tem um efeito perene, traduzindo-se e concretizando-se em cada época como oferecimento de liberdade e de vida no contexto das diferentes situações.

Hoje, como sempre, a Redenção do pecado tem duas dimensões: uma pessoal e outra social.

É libertação do egoísmo que se aninha no coração de cada homem. Destruição do pecado que se opõe ao plano salvífico de Deus e é causa da maioria dos males do ser humano. Mas é sobretudo libertação do pecado social. Pecado este que tem hoje características particularmente degradantes: a mentira como linguagem habitual nas relações internacionais, a ambição de domínio por parte dos que governam e o abuso do poder que eles exercem, as estruturas de injustiça que mantêm imensas maiorias na pobreza, as violações dos direitos mais fundamentais do homem, a corrupção do comércio de narcóticos, o armamentismo e a ameaça da guerra nuclear, as convulsões sociais da Centro-América... Todos esses são peca-

dos contra o amor, e são ainda mais graves em nosso Continente por serem cometidos entre cristãos.

Em sua realidade inicial de uma vida nova, a Redenção é oferecida como dom gratuito a toda pessoa que ressuscita com Cristo para a amizade de Deus.

É uma vida nova na sociedade, sob a inspiração do amor, que sempre se manifesta quando se vive a filiação, a fraternidade e a solidariedade no domínio do mundo:

- Filiação, que significa aceitar a Deus como Pai e dar-Lhe glória, colocando a nossa existência ao serviço do seu desígnio histórico de dar vida em abundância a todos os homens. Filiação que visa imprimir na vida uma dimensão transcendente e o sentido de uma história de libertação integral.

- Fraternidade, que se manifesta em tornar efetivo o amor por meio de obras de justiça, lutando contra todas as manifestações sociais do egoísmo humano a fim de pôr em evidência que "todo ser humano é meu irmão", sem opressões, marginalizações, discriminações culturais, sociais, políticas ou econômicas.

- Solidariedade, que significa assumir a responsabilidade da criação e da história conforme o projeto do Pai, visando a que todas as conquistas da ciência e da técnica e todas as oportunidades do homem, estejam ao alcance de todos, filhos de um mesmo Pai e irmãos nossos.

A plenitude, então, acontecerá quando Jesus Cristo entregar todas as coisas ao Pai, tendo destruído

uma vez por todas seus inimigos — o último dos quais é a morte — e Deus será tudo em todos. Haverá então a grande mesa do banquete onde todos nós sentaremos com Cristo para comer e beber na casa do Pai comum.

### **Necessidade da cruz**

Sem cruz não há redenção. Pensemos nas diversas classes de cruzes: aquelas que nos são trazidas pela natureza: inundações, secas, terremotos; as que são causadas pelas nossas limitações pessoais: temperamento, talento, habilidades; as que nascem de nossas paixões e nos tornam suas vítimas; as que cristalizam o egoísmo humano em situações de opressão e estruturas injustas.

Diante destas cruzes, o cristão tem que optar pela luta contra o sofrimento humano que pode transformar-se em vida e alegria, e aceitação do sofrimento inevitável, dando a toda cruz um sentido redentor. Isto porque você é filho do Deus da vida e irmão de Jesus, que veio ao mundo para dar vida em abundância a todos os homens.

### **Nosso papel de religiosos**

A nossa tarefa é anunciar o Reino como aproximação do Pai, rico em misericórdia, que nos traz a plenitude da vida; além disso, temos que realizar obras de serviço, no sentido de contribuir para tornar realidade essa aproximação do Pai. Nós devemos intensificar e acelerar a reconciliação do homem com Deus, dos

homens entre si e do homem com o mundo. Acelerar a reconciliação da criação inteira que sofre com dores de parto à espera da revelação dos filhos de Deus.

Nós devemos anunciar uma palavra clara e original. Diante de um mundo secularizado temos que dar o testemunho da realidade transcendente. Face à divisão, à opressão e injustiça, o testemunho de uma vida fraterna, construída sobre a solidariedade.

Frente à acumulação dos bens, o testemunho de uma vida baseada no despreendimento, a sensibilidade diante do irmão que sofre e a generosidade para compartilhar equitativamente os bens da criação. Frente ao abuso do poder e à violação dos direitos humanos, o testemunho de que é possível construir uma sociedade edificada não sobre a dominação, mas sobre o serviço.

Jesus Cristo nos redimiou e sua redenção está sendo aplicada de modo decisivo na história através da oblação da Igreja e, nela, da vida consagrada. A redenção de Jesus Cristo é a única fonte confiável de esperança para todas as formas de escravidão humana. Entretanto, a fim de que a redenção se transforme em esperança, é preciso aceitá-la, "abrir as portas ao Redentor". E, face à injustiça e ao pecado, cuja natureza é causa de morte, tal aceitação deve passar sempre através da conversão, penitência, expiação e o perdão.

### **Redenção e tempo**

O tempo é graça. Nossa redenção se realiza no tempo. Quando o tem-

po acabar, como disse o Apocalipse, não haverá mais nenhum peregrinante na terra. Será o tempo definitivo.

O tempo é graça porque é dom. Ele nos é dado a fim de realizarmos a obra do Senhor. O tempo não é nossa propriedade, por isso não devemos administrá-lo como administramos o nosso dinheiro.

O Novo Testamento fala do **kairós**, o tempo de salvação **kairós**, no entanto, significa em primeiro lugar o estado de "maturação", o que está no ponto, "o tempo favorável".

O **kairós** é o tempo "pregnante de salvação", quando se manifesta mais plenamente a graça, que nos é dada no tempo. Quando "não acontece nada" é difícil tomar conhecimento da presença da graça em nossa vida; quando porém os acontecimentos se aceleram, quando a vida parece condensar-se, então, nós percebemos manifestar-se para nós mais plenamente a urgência de servir ao Reino.

Ao que parece, esta é a hora (o **kairós**) da América Latina. Nós estamos vivendo a história num ritmo acelerado, a urgência do Reino nos impele. "O amor de Cristo não nos deixa escapatória", dizia São Paulo. É a ocasião favorável. A história dá uma virada. Descobrimos o reverso da história e neste reverso a presença do Senhor em forma de ausência, como opressão, injustiça, humilhação.

Nesta virada da história que está começando, é necessária a presença

dos cristãos, a fim de garantir também a presença da Igreja como sacramento do amor do Pai.

No mundo que está nascendo, o anúncio salvador pode revestir duas modalidades: proclamar a novidade que está contida no Evangelho (novos céus e nova terra), ou repetir o mesmo, buscando o passado como arquétipo e negando a novidade da Palavra que cria tudo de novo.

A salvação é dom e se realiza no tempo. E o tempo da Igreja é graça que salva até a parusia.

#### 4) — **LOGOTIPO CLAR BODAS DE PRATA**

Nós temos diante do olhar esta figura recém-nascida, fruto de longas horas de imaginação e de trabalho, e destinada a identificar a CLAR, simbolizando seus 25 anos de existência consagrada ao serviço da vida religiosa na América Latina. Como todo recém-nascido, é uma figura frágil, querendo dizer-nos muitas coisas, embora não saiba ainda expressar-se. Nós estamos nos acostumando a conviver com ela, mas ainda não chegamos a senti-la como parte integrante de nossa vida. Entretanto, nós paramos um pouco para contemplá-la para refletir e conversar sobre o que ela nos diz na perspectiva da fé. Naturalmente, estas reflexões e reações são ainda espontâneas e incompletas. Outros virão depois de nós e provavelmente dirão coisas mais agradáveis e profundas.

## **Comunhão entre a Cruz e o Continente latino-americano**

A cruz, com todo seu conteúdo de morte e plenitude de vida, simboliza a América Latina, com suas dores de agonia e seus germes de ressurreição e esperança. A CLAR, como Maria, esteve presente, de pé, juntamente com o grupo de mulheres e o discípulo, acompanhando em solidariedade total o Cristo sofredor do nosso Continente e meditando em silêncio. “Ela conservava a lembrança de tudo isso em seu coração”. Foram 25 anos de caminhada, contemplando os acontecimentos e refletindo à luz da fé sobre essas realidades. E esta reflexão fez brotar em todo o Continente uma esperança invencível de ressurreição e de vida.

### **Um Continente entre linhas, sem limites precisos, indefinido**

Esta é a América Latina que está se formando: “Caminheiro, sem rumo, traça-o ao caminhar”. É a América Latina que em seu sofrimento está gestando um mundo novo. E é ao mesmo tempo um Continente aberto, missionário, consciente de ter uma responsabilidade evangelizadora no mundo do terceiro milênio, devendo preparar-se para tanto.

### **A Cruz expressa a palavra de libertação, pronunciada pelo Pai sobre o cadáver de um justificado**

Da mesma forma, a CLAR tem a imensa responsabilidade de animar os religiosos do Continente a anunciarem aos pobres destas terras que a caminhada até a libertação tem o

respaldo de uma promessa infalível de vitória. Na realidade, ela cumpriu esse compromisso, mesmo com limitações e deficiências, ao longo destes 25 anos. E da mesma forma promete fazer isso no futuro, renovando as promessas de seu compromisso.

### **A Cruz foi o madeiro sobre o qual agonizou o corpo Imaculado de Jesus**

A América Latina é a terra onde agonizam seus irmãos pobres. Juntas, uma sobre a outra, em comunhão de amor, elas simbolizam o amor, elas simbolizam o amor de Cristo pela sua Igreja americana, bem como o seguimento fiel de Jesus durante 25 anos de serviço, de animação e reflexão, culminando na Páscoa.

Duas cruzes: uma negra, muito pesada, definitivamente fixada ao Continente pelos pregos...; outra branca, esbatida, indefinida, que está como esvaindo-se do logotipo... São a cruz do povo e a cruz de Jesus em seu alvinegro de morte e ressurreição. Entrelaçadas, configuram o mistério pascal! A CLAR anunciou esta cruz, compartilhando a dor da morte, mas proclamando ao mesmo tempo sem cessar a potencialidade da vida. Ela acompanhou os religiosos do Continente em sua caminhada de solidariedade com o povo que morre e de profetismo com o povo que renasce...

São João, contemplando o corpo morto de Jesus atravessado pela lança, inspirando-se na profecia enigmática de Zacarias, anuncia so-

lenemente que a humanidade irá converter-se somente quando olhar para aquele que transpassaram e, quebrando a dureza de seu coração, reconhecerá seu pecado. Então, deste lado transpassado brotará para ela a fonte de purificação e de vida plena. Os homens e as mulheres da América Latina, os ricos e os poderosos, os opressores e os exploradores, os insensíveis e indiferentes, encontrarão sua salvação somente quando contemplarem o transpassado do século XX cravado sobre a cruz de um Continente, o povo dos pobres. Só então, quebrando a dureza de seus corações, decidir-se-ão ao pagar o preço de um mundo mais justo. A CLAR está dirigindo suas energias e seus esforços, como os dirigiu e continuará a dirigir no sentido de conclamar a todos os homens, por meio do serviço da vida religiosa, "a contemplarem o transpassado". Nosso logotipo é um Evangelho de Cristo transpassando o século XX, o povo latino-americano.

### **5) — O QUE É CELEBRAR?**

O ser humano não só trabalha e pensa. Esta atividade histórica revela dois momentos fortes e dialeticamente conjugados: atuar na transformação do mundo e pensar sua ação no sentido de dar-lhe novo impulso ou um rumo novo.

Paralelamente, entretanto, o ser humano também celebra: "dança, canta, reza, narra histórias, festeja" — como afirma Harvey Cox em seu Ensaio de Teologia da Festividade e da Fantasia. É a dimensão humana do "jogo"; o homem festivo. A fim

de entendermos o aspecto lúdico do homem não é bastante afirmar isso; é preciso relacioná-lo intrinsecamente com a outra faceta do mesmo homem que é o "prático". Vejamos agora a fenomenologia da celebração.

## 1. Festa e celebração

Descrever a festa é tarefa impossível. Porque o fato de escrever sobre a festa é trabalho; não é vivê-la, e a celebração é fenômeno vivencial. Ensaiar um trabalho literário para tornar compreensível "o que é a festa" é o mesmo que afastar-se dela. Se isso é verdade com relação a toda atividade de reflexão, no que diz respeito à festa ou celebração, a problemática é mais aguda porque somente a experiência de participação terá condição de manifestar o verdadeiro fenômeno. Todavia, vamos tentar pelo menos sistematizar alguns aspectos das experiências que cada qual já viveu.

— O acontecimento é o fenômeno que não pode faltar em qualquer celebração. Quer seja um fato passado que se comemora a fim de revivê-lo, ou um evento recente que se prolonga na festa. Jamais se organiza uma comemoração de algo que não aconteceu. A celebração significa "dizer SIM" à vida por algo que ocorreu e que marcou de algum modo nossa própria existência. É preciso relacionar a própria vida com o acontecimento, pois somente assim se adquire a capacidade de revivê-lo numa celebração. Quanto mais íntima e profunda é a relação entre a pessoa e o evento, tanto mais sentida é a festa.

— Tampouco se celebra na solidão. A participação de outras pessoas faz parte da própria estrutura da festividade. É uma ação solidária. Solidariedade entre pessoas e estas com o acontecimento celebrado. Ela supõe intercomunicação de pessoas e comunicação, direta ou indireta, com o evento, com o motivo da celebração. Além disso, ela intensifica também e cria laços de união. As festas cíclicas, fixas, de calendário ou recorrentes de alguma forma, transformaram as pessoas de frequência assídua, em comunidade.

— O aspecto mais característico da festa, porém, é a sua expressividade significativa. Os próprios fatos vividos como práxis, tomam destaque através de símbolos e estes manifestam o valor especial que se atribui aos acontecimentos. Às vezes, os próprios símbolos são multiplicados para ressaltar todas as dimensões vividas como realidade. Tudo deve proclamar que o acontecimento bem merece um pouco de esbanjamento: gasta-se mais do que o previsto, as pessoas vestem-se com requinte, as horas passam e a gente não se dá propriamente conta de que "já é tarde". Ao lembrar o evento ou ao prolongá-lo na festa, exerce-se uma atividade especial. O que é mais importante nisso é a atitude. O fato decisivo para que haja festa, além de sempre pressupor-se um acontecimento, não é a coisa que acontece, mas a atitude com que se vive esta coisa na celebração. A esse respeito, Andrés Tornos afirma: "Fixemo-nos nesta atitude, descoisificando os perfis e ações da festa. Se se celebra algo, é porque há seres humanos que valorizam o fato

festejado, e se intercomunicam com gestos e ações significativas. E ficam frustrados se não festejarem, e satisfeitos, com boas celebrações, mesmo se tratando de um fato doloroso, por exemplo a morte” (em “Antropologia da Festa. Expressar solidariamente o sentido da vida”. Em *Sal Terrae* 64 (1976), p. 695-696).

Concluindo estas considerações sobre as dimensões básicas da festa, podemos afirmar que ela “supõe participação de valores, participação de atitudes que visam materializar a expressão da alegria vivida, participação solidária na comunicação dos sentimentos interiores” (Andrés Tornos, *ibid.* p. 696).

Quando falta algum destes elementos, não há festa. Realiza-se algo na pretensão que seja “celebração”, mas na realidade ela redundando em frustração.

## 2. Para que a festa?

Nós poderíamos afirmar que a celebração se diferencia do trabalho e também da reflexão. Neste sentido parece até uma “perda de tempo” por não fazer outra coisa senão viver a própria festa. E esta não traz nenhum produto. É unicamente uma forma de ação que possibilita às pessoas a oportunidade de crescerem e se aprofundarem no sentido das coisas já realizadas. Nesta perspectiva, a festa está orientada mais do que qualquer outra ação para a pessoa. Ela encerra uma finalidade em si mesma. Não visa uma mentalidade lucrativa, no en-

tanto, há frustração se não se realiza. É exclusivamente um tempo de gratuidade, mas que faz falta quando não se celebra. Pertence à classe das coisas inúteis porém necessárias e até indispensáveis. O ser humano será mais inumano quando não celebra.

Este “para que” da festa talvez seja o mais difícil de explicar e ao mesmo tempo o mais sentido no interior do ser humano. Eliminar a festa é diminuir a vida.

A fim de celebrarem, as pessoas devem distanciar-se dos seus afazeres, afastar-se das tarefas produtivas. Ao mesmo tempo, porém, a ação de celebrar estabelece uma conexão com o passado e se projeta para o futuro. É um momento chave na vida histórica de todo ser humano. Sem estes momentos não há sequer história. Porque a história humana, para ser verdadeiramente humana, exige a alternância: práxis, festa, práxis. É a visão de conjunto da mesma vida, de suas ocupações e projetos. Na festa, o homem se sente mediador entre seu passado, feito de acontecimentos, e seu próprio futuro. Capacita-se para retornar à práxis, para ser criador de um novo capítulo na história que deseja viver.

Para que a festa? Unicamente para festejar. Entretanto, não poderá haver festa se não houve uma prática de construção da história. A atitude de celebração não se consegue no vazio, mas sim entre um passado digno de festa e um futuro que se compromete com a realidade, de forma que a mesma realidade torne possível uma nova celebração.

### 3. Podemos nós celebrar na realidade latino-americana?

Na realidade, nossa história não permite afirmar que haja muitos motivos de alegria. Um continente historicamente explorado e que continua na injustiça mais vergonhosa. Assim afirmava, há pouco tempo, Dom Artur Rivera y Damas a respeito de El Salvador: "Nós somos um povo que põe os mortos; as armas vêm de fora". Lamentavelmente esta situação não se limita só à América Central. Nós somos um Continente de nativos tradicionalmente explorados. Celebrar nesta situação não seria infantilismo, ingenuidade, alienação irresponsável?

Precisamente esta realidade contraditória exige a festa, porque ela reúne esforços, permite planejar as utopias para o futuro, faz com que se tome consciência do cotidiano infeliz e a necessidade de melhores condições a que o ser humano tem direito inalienável. Retornar à dura realidade, após a celebração, marca a contradição entre aquilo que se pretende e o que se consegue. Para se dar um conteúdo à festa, são necessários acontecimentos históricos dignos de alegria. No desterro, ou se renuncia à festa ou se luta para criar condições de gozá-la. A celebração, portanto, é desafio, é visão crítica das ações que se demonstram ineficazes no processo de libertação. Em sua obra "A Festa dos Loucos" (nota 1, p. 29 da edição brasileira, Editora Vozes), Harvey Cox afirma: "A habilidade de celebrar com espontaneidade é mais comum entre os povos acostumados com o sofri-

mento e a opressão". E isto porque a festa provoca o desejo de construir o futuro.

É claro que nós estamos falando de antifestas, como poderia acontecer quando se celebra a **manifestação do vazio**, fazendo algazarra por não saber como dar sentido à vida (cf. Sb 2,1-20); ou então se faz festa para **ostentar o poder**, como a prostituta de Babilônia (Ap 17); ou quando põe-se em prática o ditado romano "pão e circo" para que o povo continue submisso e não pense em suas condições (cf. 2Sm 16,15-23). Neste tipo de celebração alguns servem para divertir os outros, com desrespeito e humilhação. Esta festa não liberta nem faz desenvolver a força transformadora que toda festa, incentivadora de esperança, traz consigo.

### 4. O que é a celebração cristã?

Nota-se muita saudade pelas celebrações solenes! Há muitos ritualismos descritivos, assumindo o sabor de classe magistral! O que se pretende é celebrar idéias. Estas, no entanto, embora de conteúdo cristão, não são aptas para a celebração. Falta-lhes historicidade para poder converter-se em práxis existencial. Porém, autêntico objeto de celebração é só aquilo que se vive e o que se espera. Isso porque a festa **comemora, goza e impulsiona** para o futuro, para a plenitude, livre dos percalços que deixam as pessoas satisfeitas só pela metade. Na celebração litúrgica, o crente faz uma **releitura** de toda a realidade, de toda a sua vida a fim de encon-

trar o sentido do que deseja e intui de modo confuso. Quem encontrou a plenitude da existência humana, conserva sua vida conforme a realidade, revelada em Jesus Cristo. O que se celebra não são idéias, mas sim a práxis existencial que inclui necessariamente a ação de Deus, por meio de Cristo no Espírito, e a cooperação do homem para trans-

formar a história em História de libertação salvífica. Na celebração, o crente descobre as utopias da plenitude que dão possibilidade de vivermos os momentos cotidianos e o compromisso com um mundo novo. Não se celebra simplesmente a vida do homem, mas a partir da vida, celebra-se a ação de Deus com o homem.

---

### Diálogos — 3 —

**Bíblia:** “Naquela mesma hora, eles se levantaram e **voltaram...**” (Lc 24,33).

**Leitor:** É a volta que significa um passo definitivo à frente, na direção certa. É a conversão, responsabilidade, a um tempo, pessoal e social, volta à justiça e à fraternidade.

**Bíblia:** “Tirem a pedra” (Jo 11,39).

**Leitor:** Ou seja, o ódio, a injustiça, as divisões, o medo, a violência. O pecado, a abulia, a descrença, a opressão, a morte, o egoísmo, a mentira como linguagem habitual, a ambição, a corrupção, as ambigüidades... Se é verdade que Deus é incompatível com o mal é, igualmente, verdade que Ele é solícita misericórdia em busca do pecador. Deixe-se encontrar por Ele.

**Bíblia:** “Sai para fora” (Jo 11,43).

**Leitor:** Para a luz, para a vida nova, abundante, plena. Para a fraternidade, a solidariedade, o amor, a graça, a liberdade, a reconciliação. Vem para a esperança, melhor, para a certeza de que Deus nos ama.

**Bíblia:** “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é santo, tudo o que é amável, tudo o que é de bom nome, qualquer virtude, qualquer coisa digna de louvor da disciplina, seja isto objeto de vossos pensamentos. E o Deus da paz será convosco” (Flp 4,8-9).

# COMUNICADO À IMPRENSA:

## CLAR FAZ 25 ANOS

A dois de março último, a CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DOS RELIGIOSOS — (CLAR) completou 25 anos de existência.

A CLAR foi criada pela Santa Sé, em 1959, com o desejo de proporcionar às comunidades religiosas da América Latina, um serviço de animação e apoio semelhante ao que o CELAM presta ao Episcopado de todo o Continente. Durante estes 25 anos a CONFEDERAÇÃO cumpriu um intenso trabalho para alentar e fortalecer o dinamismo e a renovação da Vida Religiosa em nossos países latino-americanos. Nasceu sob o Pontificado do Papa João XXIII, e seus primeiros anos correram paralelamente ao momento da convocação e celebração do CONCÍLIO VATICANO II. As diretrizes traçadas então, pelo Concílio, para a renovação da Vida Consagrada na Igreja, foram a luz que orientou a CLAR em seus primeiros esforços para incentivar a reflexão teológica sobre o sentido e a missão da Vida Consagrada num Continente, onde 80% da Pastoral estão confiados a comunidades religiosas masculinas e femininas.

A CLAR participou das Conferências Episcopais de MEDELLIN (1968) e de PUEBLA (1979), contribuindo eficazmente para a ela-

boração dos documentos que orientaram as grandes opções da Vida Religiosa para a evangelização no presente e no futuro da América Latina.

Na Conferência de PUEBLA, os Bispos, depois de analisar e recolher as tendências mais significativas e renovadoras que o Espírito suscitou na Vida Consagrada da América Latina, durante os últimos anos, traçaram critérios e opções claros para que os religiosos e religiosas, situados freqüentemente na vanguarda da Missão, e afrontando os maiores riscos de vida, sejam cada vez mais eficazmente evangelizadores.

A CLAR tomou esses critérios e opções como prioridades de trabalho, para continuar animando e promovendo a renovação da Vida Consagrada. Uma parte muito vital de seus esforços está concentrada na “opção preferencial pelos pobres, com vistas à sua libertação integral”, compromisso que os Bispos, em PUEBLA, recomendaram a todos os cristãos, com palavras vigorosas: “Convidamos a todos, sem distinção de classes, a aceitar e assumir a causa dos pobres como se estivessem assumindo e aceitando sua própria causa, a própria causa do Cristo” (MENSAGEM AOS POVOS DA AMÉRICA LATINA).

Desde seu nascimento ensinaram-lhe a ser profeta e radical, porque foi fundada para ser fermento na massa e espaço de liberdade. Inculcaram-lhe mentalidade de mudança, e cresceu situada no caminho da Redenção latino-americana que traz consigo, como pressuposto, as mudanças necessárias para alcançá-la.

A CLAR não é uma instituição provida de autoridade jurídica sobre as comunidades religiosas. É uma Confederação das 25 Conferências Nacionais de Religiosos e Religiosas organizadas pelo Continente, desde o México até a Argentina, incluindo os países do Caribe.

Sua autoridade suprema é a Assembléia Geral, composta pelos Presidentes e Delegados das Conferências Nacionais. É a Assembléia que elege os dirigentes da CLAR e define suas orientações e tarefas prioritárias. O atual Presidente é o Pe. MATEUS PERDIA, argentino, e a Secretária Geral é a Irmã HERMENGARDA ALVES MARTINS, brasileira.

A partir do Secretariado Geral, em BOGOTÁ, a CLAR desdobra suas atividades a serviço da Vida Religiosa, através de quatro áreas de trabalho: animação, reflexão, formação e comunicação que programam múltiplos serviços para as Conferências Nacionais dos diferentes países.

Sua atividade mais contínua é a realização de Seminários de análise, reflexão e projeção sobre a Vida Religiosa. Nesses Seminários, de que participam ativamente Religiosos e

Religiosas de diversos países, com a assessoria de teólogos, biblistas, comunicadores e especialistas em Ciências Sociais, se aprofundam os temas prioritários sugeridos pelas necessidades da vida real: espiritualidade, animação de comunidades, formação dos jovens religiosos, inserção nos meios pobres, evangelização e justiça.

Uma Equipe de Teólogos, que se reúne periodicamente, recolhe experiências, intuições e questionamento que as comunidades religiosas vivem em seus ambientes de trabalho, refletindo sobre elas à luz da Escritura e dos ensinamentos do Magistério, para assim oferecer uma sólida iluminação, a partir da fé, para a vida e missão dos religiosos. Estas reflexões estão reunidas numa coleção de publicações sobre Teologia da Vida Religiosa na América Latina, coleção que já chegou a 53 números.

A CLAR também se faz presente nos acontecimentos e dificuldades relevantes da Vida Religiosa nos diferentes países, mediante sua presença nas reuniões de religiosos, mediante seu boletim mensal e suas frequentes comunicações de apoio e solidariedade.

De 27 de março a 5 de abril próximos reunir-se-á em FORTALEZA, Brasil, a XX JUNTA DIRETORA DA CONFEDERAÇÃO, para dar começo à celebração dos 25 anos de existência da CLAR. Foram convidados especialmente aquelas pessoas que, durante todos esses anos, estiveram mais vinculadas ao nascimento e desenvolvimento da

Confederação, e lhe ofereceram estímulo e apoio nos seus momentos difíceis.

A celebração do 25º aniversário será dedicada especialmente à ação de graças a Deus e ao aprofundamento do sentido da missão da Vida Consagrada na evangelização de um Continente marcado por uma situação de pecado social tanto mais grave porque se dá em países que se dizem católicos. Em um Continente “donde sobe aos céus um clamor cada vez mais intenso e impressionante: o grito de um povo que sofre e pede justiça, liberdade, respeito

pelos direitos fundamentais do homem e dos povos” (PUEBLA nº 87).

A Vida Religiosa compreendeu que sua missão de levar os homens a Deus implica também sua contribuição para dar uma resposta ao clamor dos pobres, trabalhando na construção de uma sociedade mais humana, fraterna e solidária. Neste compromisso a CLAR quer continuar a prestar serviços concretos de animação, reflexão e apoio, inspirada em uma irrevogável adesão a Jesus Cristo e à causa do Reino de Deus.

---

#### Diálogos — 4 —

**Bíblia:** “Mas os judeus não acreditaram que ele tivesse sido cego e tivesse adquirido a vista, enquanto não chamaram seus pais. E interrogaram-nos, dizendo: É este o vosso filho que vós dizeis que nasceu cego? Como vê, pois, agora? Sabemos que é nosso filho e que nasceu cego. Mas não sabemos como ele agora vê! Ou quem lhe abriu os olhos, não sabemos. Perguntai-o a ele mesmo. É maior de idade. Ele mesmo se explicará. Os pais do cego disseram isto porque **tinham medo** dos judeus” (Jo 9,18-22).

**Leitor:** Nunca foi cômodo confessar-se a favor de Jesus. Com freqüência, tal confissão assume um caráter patético e ameaçador. Mas...

**Bíblia:** “Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na sua majestade...” (Lc 9,26 e Mc 9,1). “E o expulsaram” (Jo 9,34).

**Leitor:** Estava comprometido o futuro imediato. Desfazia-se a comunhão dos homens em troca da comunhão com Deus. Uma demonstração superior de lucidez competente: ceder no factual para recuperar o definitivo.

# VIDA RELIGIOSA

## A SERVIÇO DA REDENÇÃO

**Pe. Ricardo Antoncich, S.J.**  
Equipe de Teólogos da CLAR

A CLAR celebra os seus 25 anos de serviço à vida religiosa no contexto da celebração, em toda a Igreja, do mistério da Redenção. Esta feliz coincidência permite-nos aprofundar o sentido da vida religiosa, encarada como seguimento de Jesus Cristo, o Redentor.

A Redenção é a ação salvífica de Jesus Cristo que nos liberta da triste escravidão do pecado e de suas conseqüências, a fim de começar a viver a nova vida dos remidos, dos filhos de Deus.

O centro da Redenção é o mistério da Páscoa, mistério de morte e de vida; de pecado e de graça. De forma definitiva e única, esta obra da Redenção foi realizada pelo Senhor Jesus nos dias de sua Paixão e Ressurreição. Não obstante, a fecundidade desta obra, sua explicação através do tempo e do espaço, abrange todas as nações, todos os seres humanos, todas as épocas.

Por isso, toda a vida da Igreja não é outra coisa senão a permanente celebração do mistério da Redenção. Por isso, o Papa João Paulo II, ao convocar todos os fiéis para a celebração deste ano jubilar, insistiu em que não se trata de um ano desti-

nado a “fazer coisas extraordinárias”, mas sim a “fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias”.

Com efeito, quando o ordinário já é por si tão rico, como acontece com a vida da graça, o extraordinário só pode superá-lo aprofundando-o, isto é, fazendo-o viver com maior sentido e doação.

O mesmo acontece com a vida religiosa; quando a consagração e a missão que ela supõe significam uma comunhão muito estreita com Jesus Cristo e com seu Mistério de Redenção, a celebração — como é, no nosso caso, a dos 25 anos da CLAR — não podem “acrescentar” a tal vida novas coisas, mas antes devem “aprofundar” sua riqueza e ir ao fundo desta.

O objetivo destas reflexões é o de nos ajudar a viver, em espírito de gratidão, os 25 anos da CLAR, para que a vida religiosa seja um serviço efetivo à obra redentora do Senhor Jesus. Nossas reflexões consideram, em primeiro lugar, a Redenção como libertação de escravidões, cuja penosa realidade deve ser reconhecida graças ao profetismo. Em segundo lugar, consideramos as exigências da Redenção, que chegam

até a doação da vida. Celebrar a Redenção é evocar o sangue redentor de Jesus Cristo e de seus seguidores. Finalmente, a redenção se expressa como vida nova, o motivo mais acentuado na celebração como festa e gozo.

### **A Redenção: tirar da escravidão**

Na antiguidade, as guerras terminavam não tanto com o extermínio total dos inimigos, mas com a conquista de escravos. Nessa cultura, a Redenção significava o resgate dos cativos, sua volta à liberdade, mediante um preço que devia ser pago em troca.

A reflexão sobre a obra e a paixão de Jesus interpretou com esta realidade e com esta linguagem, o significado de sua morte na cruz. Cristo nos remiu, nos libertou, nos tirou da escravidão do pecado e nos levou à liberdade.

Em Cristo, como novo Cordeiro Pascal, se revelou o gesto libertador de Deus que tirou seu Povo do Egito, onde vivia em dura escravidão, e o conduziu até o Sinai, lugar onde este povo aceitou a Aliança e o serviço a Deus no amor.

Sair da **servidão** para chegar ao **serviço** é o processo do novo "Êxodo" por que todo cristão deve passar. As duas palavras significam "servir", mas com matizes diferentes. A servidão consiste em servir na escravidão por temor ou interesse (isto é, para que alguém lhe pague ou não lhe pague); o serviço, em contrapartida, é servir por amor. Enquanto que a primeira é desper-

sonalizante porque degrada o ser humano, o segundo é personalizante, porque realiza o dinamismo mais profundo do ser, isto é, o encontro com o outro na identificação de vontades e de afeto.

Este êxodo, que devemos realizar todos os dias, é saída de servidões que são negações da liberdade, para o serviço que expressa a doação no amor. As servidões e o serviço revestem-se de formas diferentes, segundo as circunstâncias históricas e é mister discerni-las.

Neste nosso momento histórico latino-americano, as servidões se expressam como fome, miséria, exploração do trabalho, anseio de um bem-estar puramente material sem valores de fraternidade e de solidariedade. Estas servidões expressam o pecado tal como o vivemos em nossos dias. Pecado pessoal e pecado que impregna os mecanismos sociais de nossa convivência.

### **A Redenção: chamado à conversão**

A obra de Jesus possui a eficácia que emana de seu autor, o Filho de Deus, mas é uma obra que questiona a liberdade do homem. Pela fé, aceitamo-lo como nosso Redentor. Existe, pois, uma dimensão desta obra que se insere na história livre de cada ser humano: a interpelação dirigida à sua consciência, a suas decisões livres, à aceitação.

Servir à redenção de Jesus é, pois, ajudar a humanidade a tomar consciência de sua própria escravidão; da miséria do seu pecado. A eficácia do ato redentor pode ser por nós

apreciada através do clamor existencial em favor da vida, mas que brota em meio da morte; através do grito que clama pela graça, porém em meio do pecado.

Por isso, o serviço à redenção implica uma dimensão profética, isto é, supõe que sejam assinaladas as situações de pecado, em que nos encontramos imersos, para tomar consciência do mal que sofremos e clamar pelo Redentor que nos liberta deste mal.

A vida religiosa em nosso Continente tem querido cumprir esta missão profética nestes 25 anos. É uma missão difícil e, com frequência, não aceita. Porque o profetismo da denúncia é desinstalador de falsas seguranças.

Quando a consciência humana adormece e legitima o mal que faz, às vezes considerando-o necessário, outras encarando-o como irrelevante, e, em certas ocasiões, até como um bem, então a humanidade fecha o seu coração ao clamor por um Redentor, porque não quer reconhecer as situações de servidão que a amarram e fecham, privando-a da liberdade.

O profetismo da Vida Religiosa, como denúncia das situações de pecado, tem sido vivido dentro de uma Igreja latino-americana que, em Medellín e em Puebla, tomou uma consciência clara deste aspecto da missão evangelizadora. Em algumas ocasiões, este serviço da Vida Religiosa à Redenção de Jesus Cristo, tem significado incorporar a própria vida, o próprio sangue e a própria

morte nos do Crucificado; enfim, ele tem um serviço total e absoluto.

## **A Redenção e as exigências**

O "resgate", como preço da Redenção, levou a interpretar a morte de Jesus como preço oferecido por nossa vida. Na realidade, merece antes chamar-se de "a-preço", isto é, estima e sinal do valor da liberdade do homem e da obediência incondicional à vontade de Deus. Jesus morre porque apreciou a obediência absoluta e não se dobrou diante das ameaças de morte, Jesus morre porque ama a liberdade dos homens. Sua morte é, pois, "apreço" à vida livre do homem na obediência filial a Deus. Revela o incondicional de seu amor, que nada nem ninguém pode deter, nem mesmo a própria morte como ameaça feita por aqueles que desobedeciam a Deus e escravizavam o homem.

A Redenção de Jesus manifesta-se no martírio de seus seguidores. Eles também são chamados a revelar, como fruto da Redenção de Jesus Cristo, a absoluta liberdade que receberam do Redentor, e a absoluta incondicionalidade na obediência ao Pai. A própria morte dos mártires é, pois, sinal, marca do "apreço" que a Redenção traz consigo.

A Redenção diz-nos, portanto, que a vida, positivamente, não é um caminho de sobrevivências a qualquer preço, mas de convivências, ao preço que seja necessário pagar, ainda que o da própria morte. A Redenção, inclusive no seu aspecto de paixão e cruz, já é uma revelação

dos que vivem uma vida nova: dos que apreciam mais o conviver na fraternidade do que sobreviver no egoísmo.

Por isso, na teologia da Vida Religiosa, insistiu-se na dimensão "martirial" da consagração. Somos testemunhas do valor da convivência fraterna no amor de Deus, ainda que seja pelo "martírio vermelho" da morte cruenta ou pelo "martírio branco" da mortificação plena de gozo por servir à caridade e à justiça.

### **A Redenção, a celebração de martírio**

Ao ato definitivo e único da Redenção, realizado por Jesus Cristo, estão associados todos aqueles que sabem ser testemunhas do Evangelho até as últimas conseqüências.

Celebrar 25 anos de serviço da Vida Religiosa à Redenção é cantar também a vitória dos religiosos que deram sua vida pelo Senhor nas causas do amor e da justiça, na defesa do direito a viver dos que estão marginalizados e excluídos da vida.

Insistimos em que o caráter martirial é essencial à vida consagrada, tanto sob o aspecto cruento quanto sob o incruento. Todos somos chamados ao testemunho da Redenção e do Absoluto de Deus em nossas vidas.

Por isso, com fé e com alegria, a celebração de nossos 25 anos levamos a voltar também o olhar não só para os que derramaram o seu sangue no seguimento de Jesus, mas também aos que vivem o martírio ou

testemunho numa vida oculta e simples, às vezes anônima, na caridade, no amor e na acolhida ao pobre, e ainda no esforço pela conversão de todos para assumir a causa dos mais necessitados. É o amor que inspira essas vidas e as consagra para o testemunho.

### **A Redenção: anúncio de vida**

O mistério da Páscoa dá à Redenção uma nota festiva por excelência. O "apreço" à liberdade do homem e à absoluta obediência a Deus, que parecia constituir um "preço" de resgate, revela-se antes, como o "menosprezo" em face do que é dor e cruz, por causa do valor maior representado pelo que é ressurreição e vida.

A Redenção é chamado à vida no gozo e na esperança. O serviço da Vida Religiosa à Redenção é, portanto, um serviço à festa, à alegria, à certeza da vitória de Cristo sobre todo mal e sobre a morte, reveladora da fidelidade do Pai aos que lhe são fiéis no amor e na obediência a seu projeto de Reino.

É necessário, dentro de nosso serviço à Redenção, equilibrar de um lado a denúncia da situação de que saímos e, do outro, o anúncio da nova vida a que chegamos. Olhar somente para o negativo do pecado é deprimente, se não clamamos pelo Redentor. Considerar o caminho da Redenção na cruz nos angustia quando não vemos a luz do Senhor Ressuscitado. Mas também, se vivemos a vida que Cristo nos deu sem valorizar o caminho que ele percor-

reu para essa vitória, podemos descambar para um falso triunfalismo que não aprecia o caminho da redenção.

A América Latina é um Continente de dor e de esperança porque o Redentor está no meio do seu povo. Nós, religiosos, queremos servir a sua obra redentora, denunciando o pecado, sendo solidários no sofrimento dos pobres; no entanto, devemos também servir a essa obra de redenção anunciando a vida e a vitória, a libertação dos que sofrem opressão. A Paixão de nosso povo clama pelo Redentor e pelas testemunhas da esperança do Senhor Ressuscitado.

Talvez seja esta a mensagem mais importante destes 25 anos da CLAR: celebrar as festas das fidelidades do Senhor, proclamar as certezas de sua vitória, atenuar os dissabores da cruz que está presente mediante o gozo e a alegria da vida.

Ao aprofundarmos o próprio ser da Vida Religiosa, nestes 25 anos de serviço à Redenção, compreen-

demos melhor que nossos votos encarnam este serviço profético de denúncia do pecado — situação que nos leva a clamar pelo Redentor — e de anúncio da obra redentora realizada. Cada um de nossos votos é denúncia dos antivalores, contrários ao Evangelho, e anúncio dos valores próprios do Reino de Deus. Esta denúncia, porém, e o anúncio, transformaram-se em existência pessoal, em “vida” vivida na “consagração” e, por conseguinte, os votos revelam, além da denúncia e do anúncio, a proclamação gozosa da fidelidade do Pai a quem foi chamado para o seguimento de seu Filho, Jesus Cristo.

A melhor celebração dos 25 anos, segundo o estilo da melhor celebração de jubileu da Redenção, não há de consistir em acrescentar coisas extraordinárias às ordinárias, mas em viver extraordinariamente bem as coisas ordinárias. Isto significa que a melhor homenagem de gratidão ao Senhor, pela fidelidade que nos mostrou durante 25 anos de graças para a CLAR, é viver com autenticidade nossos votos a serviço da Redenção.

---

### Diálogos — 5 —

Bíblia: “É vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mt 16,15).

Leitor: Sem responder a esta pergunta, não há fé, não há Igreja, não há cristianismo. Você já respondeu verbal e vivencialmente? Feliz daquele que, descendo ao subsolo da consciência humana, com maduro realismo, sabe situar em seu centro dinâmico, uma resposta adequada.

# RESPOSTA DA VIDA RELIGIOSA AO HOJE DA AMÉRICA LATINA

**Conclusões da VIII Assembléia Geral da CLAR  
realizada em Ypacarai — Paraguai, de 15-24/4/1982**

A nossos irmãos Diretores e Executivos das Conferências Nacionais de Religiosos e da CLAR.

Antes de terminar os trabalhos da oitava Assembléia que realizamos, queremos por-nos de acordo sobre a tarefa que, a nível latino-americano, confiamos à CLAR para o próximo triênio, e às Conferências para a colaboração e apoio a estes esforços.

Tivemos presentes os grandes desafios da hora atual: crises econômicas, restrições à liberdade e participação, deterioramento moral, violência e insegurança, intervenções estrangeiras geradas pelo confronto Este-Oeste, crescente armamentismo, agressão a nossa cultura autóctone. Recordamos, outrossim, os sinais de esperança que afloram neste conjunto dramático: a vontade de nossos povos, sua consciência crítica e capacidade para assumir responsabilidades históricas, assim como a reafirmação de seus valores humanos e religiosos.

Contemplamos a situação eclesial: o impulso evangelizador e profético, a defesa dos direitos humanos. Não ignoramos, porém dolorosas omissões e infidelidades que constantemente nos evocam as limitações humanas e o pecado. Sentimos que a Vida Religiosa participa do bem e do mal de nossa Igreja e que nossa vocação nos impele com a caridade de Cristo, à permanente conversão. As mesmas tendências que representam os impulsos dinâmicos da Vida Religiosa (experiência de Deus, inserção na Igreja local, opção pelo pobre, vida fraterna de comunhão e formação) revelam os frutos do Espírito, mas também, as resistências e contradições que retardam a hora do Senhor.

O estudo dos informes das Conferências, do Presidente e do Secretário da CLAR, permitem-nos ver as respostas institucionais que estão sendo dadas no momento, para a animação da Vida Religiosa. Compraz-nos confirmar as linhas de ação que julgamos válidas para o próxi-

mo triênio. Queremos igualmente acrescentar e matizar outras.

Ao lhes confiar as responsabilidades diretoras e executivas, enumeramos as exigências, seus fundamen-

tos e as propostas de linhas de ação. Aguardamos dos Senhores, a elaboração de um Plano Global que viabilize um plano de ações e projetos que seja resposta às tarefas confiadas.

## I. COMUNHÃO

### 1. Exigências

Buscar a comunhão em todos os níveis, baseados na verdade, com paciência e fortaleza, em constante caminho de discernimento para nos convertermos em autênticos construtores da paz, promovendo o diálogo sem desfalecer.

Sentimos também como exigência nesta linha, encarnar o amor neste mundo de ódio em que vivemos, ser agentes de solidariedade e reconciliação no interior das situações conflitivas, e animar-nos na luta contra a injustiça.

### 2. Fundamentação

A comunhão que buscamos não se inspira no limite estreito de nossa experiência histórica. Constatamos divisão e conflito, inimizades e incompreensões; mas percebemos também esforços de unidade. Sabemos, porém, pela fé, que qualquer fraternidade autêntica não pode consumir-se sem um Pai comum. Por isso encontramos a fonte e meta da comunhão no mistério do Deus Trino.

Desde as primeiras páginas da Bíblia, Deus Pai manifesta seu desígnio de amor criando o homem à

“sua imagem e semelhança”, convidando-o a realizar-se plenamente, em comunhão, como filho de Deus, irmão dos homens e senhor da natureza (Puebla, 182-184).

Desde o início da história o pecado rompe o plano de comunhão de Deus. Rejeita seu amor e não teve interesse pela comunhão com Ele. Em consequência disto, penetra no mundo o mal, a morte, a violência, o ódio e o medo. Estava destruída a convivência fraterna (Puebla, 185-186).

Entretanto, Deus não abandonou o homem ao poder do pecado. Reincia com ele o diálogo. Convida homens concretos para uma aliança, a fim de construirem o mundo a partir da fé e da comunhão com Ele, aceitando ser seus colaboradores no seu desígnio de salvação.

Todo o Antigo Testamento é a narração da história do que Deus fez para libertar todos os homens do pecado e de suas consequências (Puebla, 187).

Na plenitude dos tempos, — quando a Palavra de Deus se encarna e assume o humano e a criação em Jesus —, Deus restabelece sua comunhão com os homens, em sua forma definitiva.

Pelo mistério de sua vida, morte e ressurreição, Cristo cumpre a vontade do Pai, de "conduzir à unidade os filhos de Deus dispersos" (Jo 11, 52), e inicia uma história nova e imprime-lhe "o impulso indefectível que levará todos os homens, transformados em filhos de Deus pela força do Espírito, a um domínio do mundo cada vez mais perfeito, a uma comunhão entre os homens cada vez mais realizada, à plenitude de comunhão e de participação que constituem a própria vida de Deus" (Puebla, 197).

Por Cristo, com Ele e n'Ele passamos a participar da comunhão de Deus. Vivendo em Cristo nos tornamos seu Corpo Místico, seu povo, povo de irmãos unidos pelo amor que o Espírito derrama em nossos corações.

Esta é a comunhão à qual o Pai nos chama por Cristo e pelo seu Espírito na Igreja. Para ela orienta-se toda a história da salvação, e nela se consuma o desígnio amoroso do Pai que nos criou (Puebla, 214).

Como religiosos, somos chamados a ser "Sacramento de Comunhão", expressão visível da convocação de todos os homens à libertação do pecado e à filiação divina em Jesus Cristo.

Uma de nossas tarefas fundamentais é "a construção sempre renovada da comunhão entre os homens" (Puebla, 744), e superar o escândalo, e a contradição com o ser cristão das situações de injustiça (Puebla, 28).

### **3. Propostas de linhas de ação**

#### **a. CLAR, animadora de comunhão**

1. Elaborar e ajudar a assimilar uma fundamentação teológica da comunhão, e uma pedagogia que ajude a análise e a solução dos conflitos.

2. Propiciar encontros com os Superiores Gerais de Congregações que trabalham na América Latina.

3. Promover mais assídua presença da CLAR na animação da Vida Religiosa, naquelas Conferências cujos países vivem situações difíceis ou sentem mais necessidade, dando-lhes apoio, orientando e animando sua caminhada.

4. Realizar intercâmbio de recursos humanos disponíveis na CLAR (teólogos, educadores, sociólogos, formadores, mestres espirituais, etc.) e pedir que prestem serviços às Conferências.

#### **b. Comunhão a nível de Conferência**

5. Favorecer e coordenar a comunicação de experiências entre as Conferências Nacionais.

6. Ajudar as Conferências Nacionais a promover a participação de todas as Congregações Religiosas.

7. Procurar que as Regionais da CLAR sejam lugar de intercâmbio entre as Conferências Nacionais.

#### **c. Comunhão entre CELAM e CLAR**

8. Levar avante o diálogo previsto entre o CELAM e a CLAR, par-

ticularmente com o Departamento para Religiosos.

#### **d. Comunhão com a Igreja**

9. Manter estreitas relações com a SCRIS.

10. Propiciar, enquanto depender de nós, encontros e canais de diálogo entre religiosos e Bispos. Seria conveniente que os Diretores da CLAR, de passagem pelos países, tenham algum contato com o Bispo local.

11. Estimular e favorecer a comunhão e colaboração entre religiosos, sacerdotes, CEB, Institutos Seculares, agentes de pastoral, leigos e todo o Povo de Deus.

#### **e. Outras exigências da comunhão**

12. Desenvolver ações em favor da paz, da integração latino-americana; denunciar a corrida armamentista, promover a reconciliação. Essas ações serão mais eficientes se desencadeadas em harmonia com o CELAM.

13. Em vista dessa ação social da comunhão: contribuir para a formação do espírito crítico e autocrítico dos religiosos.

14. Orientar as Conferências para que assegurem maior aproximação com os irmãos separados, não-crentes, etc., e elaborar estudos e seminários neste sentido, caso seja possível o diálogo com eles.

## **II. EXPERIÊNCIA DE DEUS**

### **1. Exigências**

Sentimos urgência de viver a Deus e sentir que nos ama. Esta experiência dá coesão a toda a Vida Religiosa: impregna a contemplação, a vida fraterna, a inserção na Igreja local, a opção pelos pobres. Experimentamos Deus agindo na vida, nas situações concretas, convidando-nos a ser seus instrumentos e sua epifania para os homens.

### **2. Fundamentação**

O convite à comunhão que referimos acima, não nasce de considerações puramente antropológicas. Devemos amar porque Deus nos amou primeiro (I Jo 3, 16).

O amor de Deus criou o universo, em dores do parto até à revelação dos filhos de Deus (Rom 8,19). A criação foi entregue a nosso trabalho responsável. A humanidade assume essa tarefa congregando-se em povos e culturas.

Deus, não só é para nós a fonte do ser, a meta da vida e o sentido de nossa existência; é também presença, encarnação, proximidade. Encarnado em Jesus Cristo, participa de nossa comum condição humana, agindo pelo Espírito, faz novas todas as coisas. A experiência de Deus, em Jesus Cristo, une indissolivelmente o amor de Deus e o amor dos homens, a transcendência escatológica com a urgência dos compromissos históricos. Como Je-

sus, nós, religiosos que ouvimos o chamado para o seu seguimento, devemos passar pelo mundo fazendo o bem, e fazendo da vontade do Pai, o nosso alimento.

Chamados por Jesus Cristo para estar com Ele, interiorizar seu Evangelho e anunciá-lo ao mundo, devemos ser testemunhas desta experiência. O Concílio Vaticano II nos pede: "Esforcem-se muito os religiosos para que possa a Igreja por meio deles, apresentar Cristo, cada vez com maior clareza, quer aos fiéis quer aos infiéis: tanto o Cristo entregue à contemplação no monte, como evangelizando o Reino de Deus às multidões; curando os enfermos e os feridos, convertendo os pecadores; ou ainda, a abençoar as criancinhas e a fazer bem a todos, obediente, em cada atitude, à vontade do Pai que o enviou" (LG 46).

A profunda vivência de Deus, o **ALGUÉM** que dá sentido ao **ALGO** que devemos realizar em nossa vida, integra a dimensão do afeto consagrado com a de um projeto de co-

munhão fraterna, projeto do Reino. Testemunhas da experiência de Deus (Puebla, 749).

Devemos discernir sua presença na vida e nos acontecimentos, guardando como Maria, no coração, esses fatos, para nos tornarmos aptos a produzir a nova história dos filhos do Pai.

### **3. Propostas de linhas de ação**

a. Promovam-se serviços de ajuda aos religiosos, para melhor descoberta e mais profunda vivência de Deus presente na história.

b. Faça-se uma lista de nomes de pessoas competentes e disponíveis, na área de espiritualidade, para o serviço das Conferências.

c. Formar religiosos capazes de animar retiros e outras atividades que visem a conquista desta experiência de Deus.

Elaborar modelos de oração e animação litúrgica na perspectiva latino-americana.

## **III. OPÇÃO PELOS POBRES**

A constatação da realidade da Vida Religiosa no Continente, durante o último triênio, permite-nos reconhecer um avanço real na vivência da opção pelos pobres. Avanço este, propiciado por Puebla, CLAR, alguns Capítulos Gerais e outros eventos significativos.

Este avanço, que supõe uma conversão de toda a Igreja, foi vivenciado, muitas vezes em clima de

conflito e incompreensão, mas não deixou de enriquecer evangelicamente a Vida Religiosa, devido à maior aproximação dos pobres e do povo.

### **1. Exigências**

Provocar a inserção orgânica que seja mais autêntica em assumir as perspectivas e o projeto dos pobres,

não só trabalhando para eles mas com eles.

Almeja-se que essa opção não se limite apenas à inserção mas que se expresse em todos os nossos trabalhos e ministérios, e dinamize novas formas de evangelização a partir da peculiaridade dos carismas fundacionais.

Maior proximidade dos pobres e inserção entre eles requer um processo de "inculturação" no povo, tanto em relação à cultura e religiosidade popular, como em relação a culturas nativas indígenas. Descobrir, acompanhar e formar vocações destes meios pobres representa hoje um desafio à Vida Religiosa latino-americana.

## 2. Fundamentação

Em nosso Continente latino-americano está se dando um empobrecimento progressivo das majorias em benefício das minorias.

Apesar da redução dos espaços da liberdade e da participação, o povo toma consciência da necessidade de organizar-se para a defesa de seus direitos.

Dentro deste contexto atual, em que a Vida Religiosa deseja ser fiel ao seguimento de Jesus, discerne-se veemente apelo a aprofundar e a tornar mais autêntica a opção pelos pobres. "O Senhor me enviou a anunciar aos pobres a Boa Nova, a proclamar a libertação" (Lc 4,18).

Com efeito, a encarnação de Deus na história humana se nos manifesta em Jesus que:

Fez-se pobre e servo (Fil 2,5-11).

Assumiu clara preferência pelos pobres que ocupam o primeiro lugar em seu plano de evangelização (Bem-aventuranças, Mt 5,1), e a evangelização deles é sinal da chegada do Reino de Deus (Mt 11,3-4). São precisamente os pobres que entendem a mensagem de Jesus (Lc 10,21).

Relaciona-se principalmente com os pobres, necessitados, pecadores, enfermos, prostitutas, crianças. . . (Mc 2,16-19).

Acreditou no valor do povo pobre como agente transformador da história, e por isso escolheu pessoas simples para serem seus discípulos (Mc 1,16).

A opção pelos pobres não é algo que possamos fazer ou não fazer: "é a medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo" (Puebla, 1145), e sua evangelização é o sinal e prova por excelência, da missão de Jesus (Puebla, 1142). A missão do religioso, orientada preferencialmente a anunciar a Boa Nova da libertação aos pobres, traz consigo tarefas e atitudes muito claras:

**O anúncio do Evangelho de Jesus aos pobres.** Essa é a riqueza principal e o dever essencial da missão de Jesus.

**A promoção da justiça. . .** "Se se tomam em conta as verdadeiras exigências do Evangelho e, ao mesmo tempo, as condições sociais, compreende-se facilmente porque a Igreja considera a promoção da justiça como parte integrante da evangeli-

zação...” (João Paulo II, aos Jesuítas, 28 de fev. de 1982).

A “**denúncia de todo projeto histórico** que, apartando-se do plano divino, não faça crescer o homem em sua dignidade de filho de Deus” (Puebla, 748).

A **defesa** dos direitos que os pobres têm de **organizar-se** e o acompanhamento do povo em suas organizações populares: sindicatos, associações de bairros, comitês cooperativas (Puebla, 1137). Trata-se de uma experiência com os homens do trabalho, conforme exorta João Paulo II: “Esta solidariedade deve estar sempre presente lá onde pesa a ameaça da degradação social do sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as crescentes zonas de miséria e também de fome. A Igreja está vivamente comprometida com esta causa; considera-a como sua missão, seu serviço, como comprovação de sua fidelidade a Cristo, para poder ser verdadeiramente a Igreja dos Pobres” (L. E. 8; cf. também 20).

A “**inculturação**” que expressa e significa a encarnação do seguimento de Jesus nas atuais circunstâncias históricas.

A opção evangélica pelos pobres compreende também a incorporação destes pobres à Vida Religiosa. Processo que supõe despojamento e “aniquilamento” das Congregações Religiosas, e positiva integração dos valores culturais das novas vocações.

A opção pelos pobres implica a decisão de assumir o preço desta

opção: perseguição, calúnia e até o martírio. “Se a mim me perseguiram também hão de perseguir a vós” (Jo 15-20).

E, finalmente, uma vida pessoal e comunitária coerente com a opção pelos pobres.

É também significativa a experiência de nossos Fundadores, a quem o apelo divino levou a captar os desafios de seu tempo em favor dos mais pobres e dos mais necessitados.

### 3. **Propostas de linhas de ação**

a. Sobre o projeto **CRIMPO**: apoiá-lo e potenciá-lo; enfatizar a avaliação e a confrontação de experiências de presença entre os pobres, nos últimos anos, discernir as novas formas de presença e serviço dos religiosos nas organizações populares, dar ampla difusão dos resultados de todos estes projetos.

b. Sobre **EDUCAÇÃO**: apoiar o projeto de evangelização e Vida Religiosa dentro da tarefa educativa; promover e orientar a revisão das obras educativas dos religiosos, a partir da opção pelos pobres.

c. De forma semelhante, promover a revisão de outras instituições mantidas pelos religiosos no setor da saúde ou das obras assistenciais, sempre sob o ângulo da opção preferencial pelos pobres.

d. Promover estudo e reflexão sobre a problemática da “ideologi-

zação” e sua incidência na eclesio-  
logia.

e. Ampliar o espectro dos Semi-  
nários na intenção de oferecer me-  
todologias e elementos para o apro-  
fundamento da opção preferencial  
pelos pobres.

f. Buscar linhas de ação para o  
acompanhamento e formação de vo-  
cações nativas e de origem popular.

g. Promover estudos e intercâm-  
bio de experiências sobre a “incul-  
turação” (popular e indígena) da  
Vida Religiosa no continente.

#### IV. CARISMA E IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA

##### 1. Exigências

Necessitamos aprofundar mais a  
reflexão sobre a identidade da Vida  
Religiosa a partir do Evangelho e  
do carisma fundacional.

É preciso dinamizar esta identi-  
dade ligada aos diversos carismas  
fundacionais, com a finalidade de  
nos sentirmos mutuamente solidá-  
rios em nosso serviço integral à  
Igreja e aos irmãos.

##### 2. Fundamentação

O Senhor Jesus nos convoca para  
o seu seguimento, para tornar pre-  
sente o Reino de Deus em cada cir-  
cunstância histórica.

Pelo dom de seu Espírito somos  
convocados, como Igreja, presença  
e sinal de salvação que nos faz fi-  
lhos do Pai e irmãos de todos.

A comunhão orgânica como  
Igreja, supõe em todos os batizados  
“uma só fé, um só Senhor, um só  
batismo...” Mas também diversi-  
dade de carismas e de ministérios.

A Vida Religiosa integra-se assim,  
ao mistério salvífico da Igreja, com  
seu modo peculiar de ser: **consagra-  
ção a Deus, a serviço dos irmãos.**

Consagração vivida como frater-  
nidade na vida comunitária.

Consagração de toda a vida pes-  
soal pelos votos de pobreza, casti-  
dade e obediência.

Consagração vivida como missão  
para o mundo.

Assim a Vida Religiosa se nos  
revela como “afirmação profética  
do valor supremo da comunhão com  
Deus entre os homens” (E.T. 53),  
e “alto e exímio testemunho de que  
o mundo não pode transfigurar-se e  
oferecer-se a Deus sem o espírito  
das bem-aventuranças” (L.G. 31),  
e tem, como uma de suas tarefas, a  
comunhão fraterna vivida em todas  
as suas exigências (Puebla, 752).

Toda a Igreja tem obrigação de  
trabalhar para a conquista deste va-  
lor do Reino, mas os religiosos de  
modo privilegiado.

Cada Congregação surge como  
dom de Deus em resposta a situa-  
ções e urgências próprias de uma  
época. Nossos Fundadores foram  
profetas num tempo e numa situa-  
ção determinada da história. A eles  
devemos o peculiar de nossa identi-  
dade e ao mesmo tempo a força de  
unidade e complementariedade de  
nossos Institutos no seio da Igreja.

Não podemos fugir ao que o Espírito nos pede, ao distribuir a diversidade de seus carismas. Também não podemos privar a Igreja de um dom que lhe foi concedido através da Vida Religiosa.

Vivendo de acordo com seu próprio carisma, "os consagrados serão para todos um sinal luminoso de libertação escatológica, vivida na entrega a Deus e numa solidarieda-

de nova e universal com os irmãos" (Puebla, 749).

### 3. Propostas de linhas de ação

a. Apoiar e impulsionar a reflexão que a Equipe de Teólogos da CLAR está realizando sobre a identidade da Vida Religiosa.

b. Difundir o mais possível a publicação dessa reflexão.

## V. FORMAÇÃO

### 1. Exigências

Promover uma formação inicial e permanente que nos induza a viver mais comprometidos com a história. Para tanto, propor as bases, definir os processos e assimilar as metodologias.

Promover uma formação que nos oriente, desde o início, para o projeto de Vida Religiosa assumido por Puebla e São Domingos e no sentido das exigências aqui expressas.

### 2. Fundamentação

O exemplo que Jesus nos dá ao formar a comunidade dos Doze — acompanha cada um com paciência e criatividade, aceita suas limitações e possibilidades, respeita o ritmo e o modo de ser de cada um, constrói o projeto de formação baseado na situação concreta de cada discípulo, etc. — convida-nos a estar bem atentos à pessoa de nossos formandos e às vocações que vão surgindo nos meios populares e aborígenes, para acolhê-las e acompanhá-las, num processo de "inculturação" da

Vida Religiosa, tanto em sua formação inicial quanto permanente.

### 3. Propostas de linhas de ação

a. Propiciar e potenciar a reflexão teológica da CLAR para apoiar a renovação constante da Vida Religiosa na América Latina. Esta reflexão deve tomar em conta a formação da consciência crítica da realidade.

b. Continuar fomentando os Seminários, procurando regionalizar, sempre que possível. (Alguns propõem que se revise a metodologia, que se baseie mais na experiência de cada participante e que se proponham reuniões posteriores, com egressos).

c. Estimular a organização de cursos de espiritualidade da Vida Religiosa. Ajudar também a criação, a nível regional, de cursos de espiritualidade da Vida Religiosa.

d. Fomentar a criação de Equipes de Reflexão Teológica a nível das Conferências Nacionais.

e. Multiplicar, em outras áreas de estudos, a experiência de Costa Rica sobre o Seminário de Liturgia e Espiritualidade, organizado conjuntamente pela CLAR e CELAM.

f. Buscar linhas de ação para a formação de vocações nativas de origem popular.

Colaborar na preparação de Formadores.

g. Estudar elementos e critérios que ajudem os religiosos a mais intensa "inculturação".

h. Estudar a religiosidade popular como elemento integrador da experiência de Deus do religioso.

i. Promover o conhecimento da Doutrina Social da Igreja e dos problemas que suscitam o marxismo, as seitas e o ateísmo (teórico e prático). O espírito orientador desta reflexão seja o de apreciar os aspectos positivos, limitações e reservas que merecem essas doutrinas, com o propósito de diálogo objetivo que afaste os obstáculos à missão evangelizadora da Igreja.

Somar, quanto possível, neste sentido, os esforços da CLAR e CELAM.

j. Procurar que os planos de estudo dos Seminários Diocesanos se entrossem com o estudo da Teologia da Vida Religiosa; assim como o estudo da Teologia da Igreja Particular, com os planos de nossos noviciados.

k. Promover através das Conferências Nacionais, maior difusão das publicações da CLAR. É conveniente que estas publicações cheguem às casas de formação.

l. Apoiar e estimular os esforços para maior formação teológica e humana das religiosas.

Estas são as sugestões, tarefas, reflexão e exigências que foram o fruto de nosso trabalho na Assembléia, e esperamos que vocês as levem adiante com atividades apropriadas. Desejamos que as Conferências prestem todo o apoio à Presidência e ao Secretariado da CLAR e, por sua vez, que a CLAR, através de seus organismos respectivos, apóie e estimule os trabalhos das Conferências.

Digne-se o Senhor abençoar estes trabalhos e fazer com que a Vida Religiosa cumpra sua missão nesta hora histórica de nosso Continente.

---

### Diálogos — 6 —

**Bíblia:** "Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos..." (Mt 5,43).

**Leitor:** Amar o outro porque nos é favorável é atitude rotineira e pagã. O rosto do próximo deve ser reconhecido não apenas naqueles que espelham a nossa própria imagem, mas sobretudo naqueles que denunciam a falsidade de nossa máscara e de nosso olhar.

# PLANO GLOBAL DA CLAR PARA 1983-1985

## I. Fundamentação

A Junta Diretora da CLAR programou, a pedido da VIII Assembléia Geral de Ypacaraí (15-24 de abril de 1982) este PLANO GLOBAL. Partindo das exigências do Senhor, discernidas naquela Assembléia, e dos novos desafios e necessidades descobertas na conjuntura histórica do ano passado, selecionamos as prioridades de ação que parecem mais urgentes e que devem tornar-se realidade nos próximos anos.

Estas exigências e prioridades de ação devem ser entendidas e realizar-se como serviços orgânicos e convergentes de animação global da Vida Religiosa da América Latina, para que ela contribua à realização do desígnio de Deus em nossa história.

**Plano de Deus.** Esse desígnio é a comunhão que nasce e se explicita no Mistério Trinitário, como projeto de amor do Pai, que se concretiza na história por Jesus Cristo, e tem, como sinal e instrumento, o novo Povo de Deus vivificado pelo Espírito. E só atinge sua plenitude além da história, na comunhão e participação trinitária (Cf. Puebla, 197).

Não é projeto meramente humano, confinado a horizontes e às precárias dimensões dos processos históricos do homem. Mas, assim mesmo, contrói-se na história marcada pelo pecado e suas conseqüências: conflitos, divisões, ódios, violências e morte. Assim o sentimos dramaticamente, hoje, em nosso Continente. E no pecado, recusa do amor a Deus e ao irmão, encontramos a última causa da ruptura da comunhão.

**Libertação em Cristo.** O Pai, rico em misericórdia, decidiu restaurar em Jesus Cristo a comunhão perdida, libertando os homens, a sociedade e a história, do pecado que subverte a comunhão.

Aniquilando-se, em sua Encarnação, Jesus cumpre o desígnio do Pai no mistério pascal, "para reunir os Filhos de Deus dispersos" (Jo 11:52). Assim o Filho de Deus feito homem é a manifestação sacramental da ação libertadora do Pai na debilidade e pobreza de Jesus de Nazaré.

**Opção pelos pobres.** Esta sabedoria divina de libertação torna singularmente explícita a experiência de Deus, protetor dos desvalidos, na pobreza e na atenção preferencial pelos mais necessitados. Esta é a

novidade cristã proclamada na BOA NOTÍCIA do Reino, cujo instrumento histórico é a Igreja de Jesus Cristo, que, na América Latina, fez “opção preferencial pelo pobre no intuito de sua integral libertação” (Puebla 1134), compreendendo que o “serviço aos pobres é a medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo” (Puebla 1145).

**A Vida Religiosa: Seguimento de Cristo.** Na Igreja, a Vida Religiosa, dom do Espírito de Jesus a seu povo, anuncia também seu valor, seu significado e sua missão como sinal profético e escatológico de comunhão na Trindade.

Chamados a ser companheiros do Senhor em sua vida, e colaboradores em sua missão, a partir da comunhão eclesial (Cf. Mc 3,14), os religiosos e religiosas encontram no seguimento de Jesus pobre, casto, obediente a fonte donde dimana e se nutre sua identidade.

— Ele lhes comunica sua própria e original experiência de Deus, conhecido e invocado como Pai, próximo e misericordioso, defensor dos oprimidos a quem devolve a liberdade e reintegra na comunhão (Cf. Gl C,5).

— Seguem-no em sua identificação e solidariedade com os pobres, fazendo-se como Ele servidores deles, assumindo suas esperanças e acompanhando-os em sua busca de um mundo mais justo.

— Junto com Ele e seus discípulos aprendem a construir a co-

munhão fraterna e crescem em liberdade para um serviço cada vez mais incondicional ao Reino.

— Assim, o seguimento de Jesus nos compromete num processo encarnado de formação, guiado pelo Espírito, para assimilar o múltiplo dom de Deus. É autêntico caminho do discernimento da vida, e escola de aprendizagem para entregar-nos à realização do desígnio do Pai: Fazer a comunhão de todos os homens por meio de seu Filho, o Maior de uma multidão de irmãos (Rom 8:29), na participação solidária dos bens da criação.

— **Urgência do compromisso.** O desígnio de Deus exige de nós uma resposta evangélica ao “grito de um povo que sofre e que pede justiça, liberdade, respeito aos direitos fundamentais do homem e dos povos”. Este chamado, em momentos tão difíceis para a maioria dos países do Continente, e tão dolorosamente conflitivos na América Central e na Região do Caribe, ecoa de maneira urgente, para todos os religiosos da América Latina.

O amor de Cristo não permite escapatórias. Premida por ele, a XIX Junta Diretora, entrega, nesta conjuntura histórica, aos Diretores e Executivos da CLAR as seguintes prioridades de ação:

- Comunhão
- Experiência de Deus
- Opção pelos pobres
- Identidade da Vida Religiosa
- Formação

## II. Prioridades de ação

### 1. Comunhão

**Primeira.** Promover maior colaboração da CLAR na animação da Vida Religiosa naquelas Conferências Nacionais cujos países, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Haiti e outros, vivem situações difíceis ou sentem mais necessidades, fazendo-se mais presente através de apoio e orientação.

**Segunda.** Promover e assumir a ação em favor da paz, a integração latino-americana, a denúncia à corrida armamentista, a reconciliação. Esta prioridade tornar-se-á mais eficiente e vigorosa se desencadeada conjuntamente com o CELAM.

**Terceira.** Partindo-se de uma análise sócio-psicológica dos conflitos intra-eclesiais e de suas causas, elaborar e ajudar a assimilar uma fundamentação teológica da comunhão e uma pedagogia que ajude a solucionar estes conflitos.

**Quarta.** Intensificar o tempo de intercomunicação entre as várias Conferências a nível Regional.

**Quinta.** Envidar esforços para o incremento dos contatos CELAM-CLAR e animar as relações mútuas entre Bispos e religiosos.

### 2. Experiência de Deus

**Primeira.** Fomentar um estilo de governo que privilegie a animação espiritual, oferecendo material, metodologia, seminários, etc., aos Superiores Locais e Maiores, a fim de que, partindo da realidade latino-

americana, sejam promotores da experiência de Deus.

**Segunda.** Favorecer a formação de religiosos e religiosas, capacitados a animar e orientar retiros e outras atividades que visem a conquista da experiência de Deus.

**Terceira.** Recolher e dar a conhecer todas as atividades que estas prioridades provocarem nas Conferências Nacionais (diversos tipos de retiros, serviços de direção espiritual, liturgias penitenciais, seminários de capacitação, etc.) aproveitando os boletins da CLAR para divulgá-los.

**Quarta.** Criar e difundir, se possível em colaboração com as Conferências Nacionais, um novo tipo de publicações destinadas a apoiar uma renovada experiência de Deus, principalmente: a. Preenchendo alguns vazios no que se refere à oração e à formação espiritual-devocional. b. Abrindo uma secção de "biografias significativas" para a realidade latino-americana.

### 3. Opção pelos pobres

**Primeira.** Promover uma instância CELAM-CLAR para a solução dos problemas dos refugiados e emigrados — sem documentos — que, de uma forma ou outra, padecem, especialmente em Haiti, México, Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua.

**Segunda.** Promover uma investigação-estudo, se possível em colaboração com o CELAM, sobre a

problemática dos choques de ideologias e sua incidência eclesial e pastoral.

**Terceira.** Abrir novos serviços para religiosos e religiosas na área da saúde, que está adquirindo importância crescente em nossas sociedades cada vez mais pobres.

**Quarta.** Iluminar a consciência social e política dos religiosos e religiosas frente aos problemas estruturais, particularmente da injustiça, e determinar o que, neste campo, seria próprio da Vida Religiosa.

#### 4. Identidade da Vida Religiosa

Promover reflexão teológica sobre a identidade da Vida Religiosa através de cursos, seminários, publicações, etc..., e difundir o mais possível estas atividades.

#### 5. Formação

**Primeira.** Impulsionar a promoção de vocações de origem popular e indígena. Que a CLAR recolha e sistematize, estude e publique as

experiências e iniciativas já existentes neste setor.

**Segunda.** Prosseguir nos esforços, tanto na formação inicial quanto na permanente, nas seguintes áreas:

a. A espiritualidade da Vida Religiosa.

b. A humana, com atenção especial à formação da consciência crítica e à maturidade afetiva.

c. A teologia.

d. Ampliar a gama dos seminários que ofereçam metodologia e outros elementos para a iniciação e aprofundamento da opção preferencial pelos pobres.

e. Estimular estudos e intercâmbio de experiências sobre a "inculturação" — popular e indígena — da Vida Religiosa na América Latina.

**Terceira.** Fomentar a interrelação e o trabalho em equipe dos formadores, a serviço de uma formação sintonizada com esta pastoral, dentro das Conferências Nacionais e a nível latino-americano.

---

### Diálogos — 7 —

Bíblia: "Todos nós bebemos plenamente de um só e mesmo Espírito" (1 Cor 12,13).

Leitor: A Igreja não é uma soma de iniciativas humanas. É, pelo contrário, uma **unidade** gerada pelo Espírito. É uma participada vivência de um grupo de pessoas. É comunidade, sinal da presença de Cristo no meio dela.

Bíblia: "Onde dois ou três estiverem REUNIDOS, em meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18,20).

# MINHA MENSAGEM, MEU ABRAÇO FRATERNAL

**Dom Aloísio Lorscheider,**  
Cardeal-Arcebispo de Fortaleza,  
aos membros da XX Junta Diretiva da CLAR

É com alegria muito grande que os recebemos em nossa Arquidiocese. Não podendo estar presente nos primeiros dias, especialmente no dia da abertura, por ter compromisso em Bogotá, deixo através dos meus dois Bispos Auxiliares, Amigos e Irmãos solícitos, a minha mensagem e o meu abraço fraterno.

Sentimo-nos honrados por haverem escolhido Fortaleza para celebrarem os seus vinte e cinco anos de existência. Que existência! Que belas páginas escritas para a vida religiosa na América Latina! Uma existência suada, mas vivida com muita convicção. Páginas escritas com amor e muita entrega, buscando sempre uma presença de Igreja Fermento no meio do nosso povo, que tanto ama os religiosos e as religiosas e tanto confia nos que se consagraram a Deus para servirem melhor as criaturas humanas pela profissão dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência.

Creio que a CLAR entendeu muito bem a orientação da Igreja vinda do Vaticano II e depois encarnada em nossa América Latina por Medellín e Puebla. Não mais a fuga do mundo, mas sim a presença no mundo. Não mais a defesa contra um mundo que pode levar à perdição a criatura humana, mas inserção solidária num mundo que necessita tão urgentemente da graça poderosa do Cristo que veio salvar libertando. Este seguimento radical do Cristo na linha do ser mais é que tem caracterizado a vida da CLAR.

A Igreja, pois, que está em Fortaleza apresenta-lhes as boas vindas, fazendo os melhores votos para que a Junta Diretiva por meio desta celebração consiga o seu grande objetivo: uma animação ainda mais intensa e fervorosa da vida religiosa na Igreja da América Latina.

Que o Espírito Santo, o Espírito da luz, os ilumine nestes dias benditos!

Aloísio Card. Lorscheider — Arcebispo Metropolitano de Fortaleza

Fortaleza, março de 1984

# INFORME DA PRESIDÊNCIA DA CLAR

FORTALEZA — 27/3-5/4/1984

Há cinco anos, em nossa Assembléia de São Domingos, avaliávamos nossa experiência religiosa post-conciliar. Dois anos de organizada reflexão, por ocasião dos 20 anos da CLAR, nos permitiu vislumbrar as sementes de futuro nas tendências mais significativas que nos facilitavam, ao mesmo tempo, reconhecer com maior clareza a força do Espírito de Jesus, e imprimir direção ao nosso esperançoso caminhar post-

Puebla. O Documento de Puebla traz em sua substância as nossas convicções que a CLAR publicou em **Experiência Latino-americana de Vida Religiosa** (Col. CLAR nº 42 1979).

Por ocasião dos vinte anos, reflexivamente examinamos a experiência vivida. Agora, na passagem do fato jubilar da Instituição, tentarei traçar o itinerário da CLAR nestes 25 anos.

## 1. ORIGENS E PRIMEIROS ANOS DA CLAR

A CLAR nasce pelos fins da década de 50, e aos sete anos começa a falar sua própria linguagem. Permitam-me que me detenha um pouco sobre este período de gestação e infância institucional da CLAR. A década de 50 caracteriza-se, na Igreja da América Latina, pelo fortalecimento das instituições eclesiais e por certa inflação institucional espelhada, com muita frequência, nas dimensões grandiosas das Casas de Formação e Seminários, assim como das Sedes Provinciais. A confiança generalizada no desenvolvimento de nossos países alimen-

tava a esperança de um pronto deslanchar da atrasada América Latina, e gerava um estado de ânimo marcado pelo otimismo.

A organização tende a superar o individualismo e o isolamento das unidades: Consolidam-se as Conferências Episcopais, criam-se as Confederações de Religiosos e Religiosas e, nos meados da década, reúne-se no Rio a Primeira Assembléia Episcopal Latino-Americana. Escrevia Pio XII a seu Delegado a esta Assembléia Geral, Card. Piazza: "Temos também a certeza de que

contribuirá muitíssimo para a eficácia do labor apostólico na América Latina, a união de todas as forças em cordial e ordenada colaboração... As falanges católicas, assim organizadas e ordenadas manter-seão mais coesas na luta pela defesa e mais ampla difusão e solidez do Reino de Deus, em confronto difícil, porém, sumamente meritório”.

Nesta Assembléia Geral do Episcopado cria-se o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), como organismo de serviço coordenador das atividades apostólicas da Igreja na América Latina. O CELAM, freqüentemente qualificado como organização providencial, é um organismo original e único na Igreja. Porém, considerado do ponto de vista dos países latino-americanos, é organismo não só oportuníssimo, como também necessário. O CELAM nasce quando a União Pan-Americana completava 65 anos de existência e, por seu turno, havia sido precedida, durante 70 anos, por uma série de Congressos jurídicos, econômicos e políticos, que contribuíram para o amadurecimento da idéia de colaboração continental. Embora a fraternidade e a colegialidade permitam e fundamentem o surgimento do CELAM, sua existência insere-se coerentemente na visível vocação americana de nossos países.

### **A CLAR nasce por desejo do CELAM**

Uma das primeiras tarefas que o CELAM assume, está na decorrência dos anseios do Papa: “Coordenar uma cordial e ordenada colabo-

ração das forças católicas”. Com a modesta organização e meios dos primeiros anos, mas com espírito e perseverança de pioneiros, põe mãos à obra esse primeiro grupo de Bispos e Sacerdotes nos quais havia penetrado, a fundo, a idéia do CELAM. Procura fomentar em todos os países, a devida coordenação do clero secular e regular; e estimulam, de diversos modos, a elaboração de uma pastoral de conjunto.

Dada a importância quantitativa dos religiosos/as e sua presença nas variadas tarefas apostólicas, o CELAM bem cedo vislumbrou a conveniência de um organismo a nível latino-americano, como instância de diálogo, em vista de uma coordenação e colaboração dos religiosos com as finalidades apostólicas do CELAM. A breve introdução aos primeiros estatutos (2 de março de 1959) é muito sugestiva: “A comunhão de sentimentos religiosos e a profunda semelhança de interesses e necessidades espirituais na América Latina, sentidas pelos países que a integram, e reconhecidas pela Santa Sé, deram felizmente, origem, depois dos Congressos (sic) do Rio de Janeiro, ao CELAM, organismo propulsor da comunidade eclesial Latino-americana (sic).

“A constatação de semelhante comunhão e unidade no setor dos Estados de Perfeição, parte vital da Santa Igreja nos países da América Latina, sugeriu à Sagrada Congregação dos Religiosos, crendo fazer **gesto agradável ao CELAM**, e útil não só aos Institutos Religiosos como também a toda a Igreja, a criação de uma Confederação das diversas

Federações latino-americanas, com a finalidade precisa de ajudarem-se mutuamente em tudo que têm em comum, além de oferecer ao CELAM, segundo seus desejos e indicações, uma colaboração organizada e completa”.

A escolha da sede da Conferência manifesta também o desejo de Roma de haver estreita cooperação entre CELAM e CLAR. A Sagrada Congregação opta por Bogotá, após dois meses de consultas às Conferências dos Religiosos. Em ambas as preferências apontavam claramente para Lima. Algumas Conferências alimentavam reservas a respeito de Bogotá, receando que a incipiente CLAR se convertesse num Departamento ou Subsecretariado do CELAM. Alguns Religiosos que conheciam, por experiência, o CELAM e haviam servido de ligação durante o período de sucessivas sedes transitórias do Rio e em Lima, eram francamente favoráveis a facilitar o constante intercâmbio com o CELAM, desprezando todo o risco de subordinação desnaturalizante. Roma, em definitivo, opta por Bogotá e estimula o contato estreito com o CELAM, ao mesmo tempo que repetidamente insiste na finalidade específica da CLAR que é serviço de animação e coordenação da Vida Religiosa.

## Os primeiros anos

O Estatuto Jurídico dava direito à existência da Confederação. Dali, a caminhar com fisionomia própria, pressupõe clareza da própria identidade institucional, e atitudes significativas. E isto a CLAR consegue,

em boa parte, em período relativamente curto, que vai desde a primeira Assembléia (Lima, maio de 1960) à terceira (México, dezembro de 1966).

Período este sumamente importante para a Igreja, pois nele se realiza o Concílio Vaticano II. Nesta mesma época, em nossos países da América Latina, processa-se profunda mudança de mentalidade e consciência de nossos povos. Período de constante aumento de produção de bens que se dá em quase todos os países, e evidencia a fragilidade da esperança apoiada no desenvolvimento econômico. Maior abundância de bens quase só contribuiu para aprofundar a escandalosa brecha e acentuar as tensões sociais. Estudam-se as causas de tal situação e aparecem diversas correntes de pensamento e movimentos de libertação.

Nossas Igrejas acolherão com sincera docilidade o Vaticano II. Mas é neste clima inédito que darão resposta à interrogação conciliar: Igreja, que dizes de ti mesma? A CLAR em seus três primeiros anos procurou organizar-se e entender sua natureza. Toma consciência de que sua missão não consiste em tornar-se grande **organização**, mas consiste na união, ajuda mútua e animação das Conferências Nacionais. Uma de suas primeiras tarefas de serviço foi a promoção de Conferências Nacionais, lá onde não havia, como no Caribe e na América Central.

Ao término da segunda Assembléia Geral (Rio, agosto de 1963) o Presidente em fim de mandato,

Abade Azcárate OSB, ao despedir-se da CLAR e do Continente, dava por encerrada a fase organizativa da CLAR. E o Secretário Geral, Pe. Baldor SJ, escrevia no modesto Boletim CLAR (Julho de 1963): "Está superada a etapa individualista entre os Religiosos da América Latina, e em relação ao Episcopado e ao clero secular". Esta expressão revela mais otimismo que realismo, si quisermos interpretá-la como tarefa acabada. Mas é real se a interpretarmos como início de caminhada que gera renovada consciência e novas exigências, à proporção que avança.

Neste incipiente caminhar a CLAR teve dois pedagogos que a introduzem, como que pela mão, no cumprimento de sua missão, indicando-lhe horizontes e direção: a Sagrada Congregação dos Religiosos e o CELAM.

A Sagrada Congregação dos Religiosos não só colocou a serviço da CLAR seu conhecimento e experiência para que se organize e defina com precisão sua natureza e fins, como também exerce significativa orientação em sua tarefa. Em março de 1963 o Cardeal Valerio Valeri escrevia ao Abade Andrés Azcárate OSB, propondo que, na Assembléia do Rio (1963), os religiosos examinassem o que deveriam fazer com respeito "aos terrenos dos Institutos Religiosos frente às graves exigências e às iminentes reformas agrárias". Não me parece claro a que "iminente reforma agrária" o Cardeal se refere. Mas é de meridiana evidência que propunha respostas concretas da Vida Religiosa, exami-

nadas e assumidas como corpo, a situações sociais concretas. Na mesma carta o Cardeal Valeri acrescenta uma sugestão, sobre a qual insistirá seu sucessor, Cardeal Antoniutti: "A constituição, a nível de países, de "comissões mistas e coordenadas" de Bispos e religiosos. Tinha-se que superar o individualismo dos Institutos Religiosos, não só estabelecendo comunhão entre eles por meio de Conferências Nacionais, como também integrando-os ao conjunto da Igreja local numa pastoral de conjunto.

Nesta época CELAM-CLAR eram exemplo, repetidas vezes elogiado por Roma, dessa integração e coordenação.

O CELAM foi o pedagogo cotidiano da CLAR. A proximidade dos dois Secretariados em Bogotá favoreceu constante intercâmbio entre as duas instituições e deu maior eficácia, com economia de recursos Humanos. O CELAM tinha então um longo caminho palmilhado e estudado. Seus Institutos e equipes itinerantes prestaram incalculáveis serviços também aos religiosos e religiosas. E principalmente suas preocupações e reflexão, atrevo-me a dizê-lo, marcara a direção e as linhas fundamentais da CLAR. O CELAM preocupa-se com uma pastoral que responda à realidade social e cultural da América Latina. A CLAR seguirá seu caminho na direção da Encarnação do carisma religioso na Igreja da América Latina. Tanto o CELAM quanto a CLAR acolherão o Vaticano II, claramente situados na América Latina que busca a identidade própria de seus povos.

Pelos fins de 1964, a Santa Sé, ao mesmo tempo que manifestava sua satisfação e apoio aos mútuos entendimentos de colaboração apostólica CELAM-CLAR, aponta como responsabilidade da CLAR sua missão de promover a renovação e adaptação da Vida Religiosa conforme as exigências do Concílio, e a aconselha a tomar conhecimento melhor e mais amplo do desenvolvimento da Vida Religiosa, indo assim, ao encontro das urgentes necessidades da América Latina.

A CLAR decide, em pleno Concílio, abril de 1965, fazer "amplo e profundo estudo da Vida Religiosa na América Latina à luz do Concílio, tendo em vista as necessidades pastorais da América Latina." Para tanto resolve organizar um **Encontro** de especialistas, que se realiza no Rio, em novembro de 1966. O Encontro do Rio abordou o tema, tomando como marco de referência, o Concílio e a realidade da América Latina. Poucos meses antes, a Assembléia do CELAM em Mar del Plata, com análogos marcos referenciais, trata de compreender e tornar mais incisiva a presença e a missão da Igreja na América Latina. A Igreja, porém, apresentava sem dúvida, um flanco débil: manuseava um conhecimento da realidade, mui-

to rudimentar e superficial. Na Assembléia de Mar del Plata, dois anos antes de Medellín, os Bispos assumem a análise da realidade, especialmente a econômica, fornecida pelo CEPAL. As conclusões e a metodologia de Mar del Plata pesarão muito no Encontro do Rio. Como metodologia, generaliza-se em todos os níveis da América Latina, passando pelas singulares experiências de Medellín e Puebla, e imprimirá certa peculiaridade à reflexão religiosa e teológica da América Latina.

O Encontro do Rio elabora um estudo com linhas orientadoras que permitem "promover na América Latina vida religiosa **autêntica**, em suas exigências de consagração e testemunho; **apostólica** por sua integração no serviço eclesial e **fecunda** por seu atrativo para as novas gerações." Este estudo foi examinado e assumido pela Assembléia Geral da CLAR no México (dezembro de 1966) e logo publicado no nº 1 da Coleção CLAR, com o título: "**Renovação e adaptação da Vida Religiosa na América Latina e sua projeção apostólica**".

A CLAR tinha sete anos quando começou a falar sua própria linguagem.

## 2. MEDELLÍN — PUEBLA

Medellín significava o começo de **nova etapa** na história de nossa Igreja. Criou uma **mentalidade**. Gerou um espírito. Era a primeira vez que o Episcopado latino-americano analisava a fundo a realidade global la-

tino-americana, a interpretava à luz do Evangelho e determinava orientações pastorais concretas que implicavam em compromisso claro e destemido. Medellín foi, sem dúvida, o acontecimento eclesial e pro-

fético que trouxe para a América Latina o sopro renovador do Concílio Vaticano II.

Pela primeira vez a voz de um Papa se fazia ouvir de um país latino-americano; estimulava a Igreja a tomar atitudes decididas. Desafiava a América Latina, plurissecular em sua fé, e jovem em sua experiência de povos, a realizar nova síntese que traga, para o mundo, "humanismo" face aos desumanizantes sistemas vigentes. E encorajava os Bispos: "O futuro exige esforço, audácia e sacrifício que põe a Igreja em ânsia profunda. Achamo-nos num momento de reflexão total. Invade-nos, qual onda avassaladora, a iniquidade característica de nosso tempo, especialmente nestes países engajados em seu desenvolvimento completo, e agitados pela consciência de seus desequilíbrios econômicos, sociais, políticos e morais". (Discurso inaugural da primeira Assembléia Geral).

As **Conclusões de Medellín**, como Documento, tornaram-se instrumento permanente que suscitou, em toda a América Latina, "esforços, audácia e sacrifício" que deram nova fisionomia à Igreja do Continente. Também é verdade que nem sempre se honrou este Documento. O acontecimento de Medellín nem sempre foi interpretado no seu devido contexto evangélico e histórico. Houve quem tenha "subestimado" o Documento como "produto de Bispos pressionados", e outros o interpretaram como pura orientação sociológica ou política.

Medellín, ao interpretar a realidade latino-americana, procura dar-

lhe resposta. Daí a coerente acentuação do aspecto "humano" da missão da Igreja em seu notável esforço para superar o dualismo entre fé e vida, entre desígnio de Deus e história. Acima de tudo, Medellín urge a presença e ação missionária e evangelizadora da Igreja no seio das imensas maiorias populares e simples de nossos países.

## **CLAR frente a Medellín**

Em linha coerente com a estreita e harmoniosa colaboração CELAM-CLAR, a participação da Confederação em Medellín foi notável e entusiasta. Também entusiasta foi a acolhida dispensada às **Conclusões de Medellín**, as quais, complementando o Documento do México, orientarão os caminhos da CLAR em muitas iniciativas da Instituição a partir de Medellín.

Entreanto, talvez mais pelo peso específico do Documento de Medellín do que pela animação da CLAR, surge um fenômeno, em nível continental, que terá muita importância na Vida Religiosa da América Latina: Um processo de inserção de pequenas comunidades em ambientes pobres, rurais e suburbanos. O apelo de Medellín acontece num momento de frustrante cansaço no esforço de renovação das comunidades religiosas, por métodos excessivamente introspectivos. Produz-se um êxodo da Vida Religiosa da América Latina, e longo peregrinar pelo deserto, que, afinal, a constrange a repensar sua missão na Igreja, a redescobrir sua identidade, a revisar seus estilos de vida e a identificar o rosto de Deus presente

em nossos povos, numa nova experiência religiosa.

Intui que, apesar de sua dedicação pastoral e impulso de caridade, vive à distância e em dissonância, com relação ao povo, e instintivamente busca "seu próprio poço para saciar-se". Frente a esse processo que Medellín, de alguma forma, promove no interior da vida religiosa, que faz a CLAR?

Talvez um dos maiores acertos da CLAR, neste momento, seja o de haver prestado o serviço de ser, não o **timoneiro** do barco, mas o canal que conduz ao porto. Este processo apresenta-se com mais questionamentos em seus anos iniciais, problemas novos e ambigüidades, do que triunfos. Sua tarefa de ser canal a CLAR a realiza com muita criatividade e eficaz organização, o que não é pequeno mérito dos religiosos e religiosas que a dirigiram na época.

Em vez de acomodar-se no sofá magisterial, empreende o longo caminho de organizar e canalizar a reflexão continental, e toma consciência do que somos como religiosos, e das exigências de nossa vocação na América Latina. Durante dois longos anos as comunidades e Conferências da América Latina refletem sobre a identidade da Vida Religiosa. **Vida segundo o Espírito**, será o resultado, colegialmente recolhido, desse trabalho.

Saliento dois aspectos deste esforço da CLAR. Quanto ao que se refere ao conteúdo do Documento: a Vida Religiosa integra, numa unidade de consagração, a reserva a

Deus e a missão. A partir da experiência da reflexão, marcou um caminho para assumir, em comunhão e reflexivamente, os muitos desafios inéditos que se apresentavam aos Institutos religiosos.

A este primeiro estudo seguiram-se outros com temas mais particularizados, porém menos desafiantes ou polêmicos, como sobre a **religião e a Igreja, o religioso educador e especialmente vida religiosa e compromisso político**. Este último estudo nunca foi publicado, embora tenha sido de enorme utilidade pastoral para as Conferências e comunidades naqueles anos.

Esta ampla comunicação entre os religiosos, somada aos tempos de intenso encontro continental nas Juntas Diretoras e Assembléias, permite à CLAR perceber e sentir as necessidades dos religiosos, e daí organizar os serviços e traçar as linhas que irão esboçando a fisionomia da Vida Religiosa na América Latina.

## Serviços

Um dos primeiros serviços que a CLAR executa, insere-se em sua missão de animadora da Vida Religiosa. São os **Seminários da CLAR**. Os Seminários pretendem desenvolver a capacidade de analisar a situação, refletir teologicamente sobre os desafios, ajudar a planejar e executar atividades que potenciem os religiosos a viverem sua vocação de serviço eclesial em benefício do nosso povo. No decorrer destes anos, mais de dois mil religiosos, geralmente formadores ou superio-

res, estudaram em Seminários, em regime de internato, sua vocação e missão, com resultados de renovação e entusiasmo pela vida abraçada, e maior disposição de serviço ao corpo religioso nas Conferências Nacionais.

Com o passar do tempo, aos Seminários da CLAR somam-se outros tipos de Seminários que pretendem dar modesta colaboração à desafiante tarefa da formação: sobre comunicação, formação da consciência crítica, liturgia (em colaboração com o CELAM), espiritualidade, cursos de teologia da Vida Religiosa, CRIMPO, sem mencionar aqueles que tendem a fortalecer os serviços da CLAR e das Conferências Nacionais, como os Seminários de Secretários de Conferências, e os de "aprofundamento" com os coordenadores de Seminários.

### **Equipe de Reflexão Teológica**

À medida em que a CLAR foi assumindo os problemas e desafios que se apresentam, e crescendo em sua missão de animação, sentiu necessidade de contar com uma **Equipe Teológica** que, sistematicamente, trouxesse sua colaboração iluminativa. Não é a mesma coisa consultar um especialista sobre determinado tema ou criar um tempo de reflexão e confrontação de pensamentos sobre questões que a história nos põe sobre o tapete. Julgo ter sido grande trunfo da CLAR poder contar com o serviço da reflexão teológica, para o cumprimento de sua missão. À raiz do exame sobre nossa experiência latino-americana de Vida Religiosa, por ocasião dos vinte

anos, muitas Conferências Nacionais sentiram a mesma necessidade a nível de país.

### **Linhas da CLAR**

A ingente e diversificada atividade da CLAR insere-se em normas assumidas em ASSEMBLÉIAS, e que, a partir de 1976 (Assembléia de Caracas), chamamos de "PLANO GLOBAL". Este Plano Global marca o espírito e a direção de todas e de cada uma das atividades da CLAR. Expressa a orientação assumida pelas Conferências Nacionais e não somente da Equipe Diretiva. Examinando as primeiras formulações do Plano Global facilmente descobrimos diretivas já presentes no Documento do México (1966), fortalecidas e enriquecidas depois de Medellín: Vida Religiosa autêntica, isto é, fundada numa experiência cristã de Deus, vivida em comunidades fraternas que, ancoradas no plano de Deus, profeticamente testemunhem e anunciem um futuro que plenifique o horizonte das mais legítimas aspirações do homem. O seguimento de Jesus é o caminho. Uma vida religiosa **latino-americana**, significativa para os povos porque encarnada em sua cultura, história e situação, e Vida Religiosa eclesial, situada no interior de uma Igreja concreta, integrando seu projeto evangelizador com a riqueza da vocação específica.

Estas orientações assumidas oficialmente pela CLAR, desde seus primeiros anos, amadureceram com os dados da experiência, especialmente pela ajuda de Comunidades

que as viviam, inseridas em ambientes pobres do Continente. Acabaram por gerar certas **tendências** da Vida Religiosa na América Latina. Puebla e a Assembléia de São Domingos identificam quatro que, sem serem uma realidade global generalizada, mas apenas **tendências**, comportam dinamismos e esperanças de futuro: nova experiência de Deus; formas simples e fraternas de comunidades religiosas com maior aproximação dos valores e religião do povo simples; presença e inserção em ambientes pobres e opção por eles nos projetos dos Institutos, e integração cordial à família diocesana.

O período que vai de Medellín a Puebla teve particular densidade de vida eclesial, como aliás o afirma o Documento de Puebla em sua **Visão Pastoral da realidade Latino-americana (I parte)**. Os religiosos da América Latina são parte importante desta vida, co-participando ativamente, junto com Bispos, sacerdotes e leigos, da experiência de modelos eclesiais de base, onde a fé dos simples e pobres encontra espaço inédito de ativa expressão e crescimento. Mas é também um período em que a diversidade de concepções, especialmente eclesiológicas, a discutida leitura da realidade e a apaixonada tomada de posição frente a situações graves e complexas, aprofundam as tensões, favorecem suspeitas e desconfianças sobre pessoas e grupos, e debilitam a Igreja com discussões e divisões internas. Neste marco do conjunto eclesial, período de estímulo e desânimo, de graça e pecado, é preciso sa-

liantar o serviço de comunhão entre os religiosos que a CLAR presta, a ponto de tornar visível o corpo religioso latino-americano. Infelizmente, na década de 70, quando a Igreja da América Latina mais necessitava caminhar coordenada, CELAM e CLAR, paulatinamente se distanciam, retidos na práxis institucional, retrocedendo visivelmente sobre os avanços conseguidos nos anos anteriores.

### **Marcha para o futuro**

Procurei seguir o itinerário de nossa Confederação, com o objetivo de esboçar uma "Memória" da Instituição. Apontei intenções, impulsos, dinamismos e resultados. Cinco anos atrás recolhíamos tudo isso em "Experiência Latino-americana de Vida Religiosa". Tentarei agora olhar o futuro a partir da experiência eclesial destes últimos cinco anos.

Estes cinco anos têm um marco inconfundível: Puebla, como acontecimento, revestiu-se de enorme importância, embora, talvez, não tenha tido a chama profética de Medellín. Tanto Puebla como Medellín lançam a Igreja pelos caminhos do futuro de sua missão evangelizadora. Medellín o faz identificando opções, motivando compromissos e urgindo presença eclesial lá onde ainda não penetrara ou se encontrava debilitada. Sabemos quanto entusiasmo Medellín despertou e quanta vida o Espírito suscitou na Igreja. Ao término de dez anos muitas realidades, apenas insinuadas em Medellín, muitos temas implícitos nas **Conclusões de**

**Medellín**, tiveram singular desenvolvimento. O dinamismo do Espírito é mais veloz na geração de realidades vitais do que o corpo eclesial em assimilá-las. Puebla projeta-se no futuro, esforçando-se por potencializar o sujeito ativo da evangelização, a Igreja, como corpo orgânico. Neste corpo orgânico articulam-se as diversidades de vocações e de funções do Povo de Deus a serviço da missão evangelizadora da Igreja. O grande esforço dispendido por Puebla, em sua tarefa de discernimento da práxis eclesial e de iluminação doutrinária, tendem a eliminar todo tipo de "reducionismo" e de  **dualismos** que divorciam fé e vida, e, positivamente, apóia uma fé cristã expressa em todas as dimensões relacionais do homem, religiosas, econômicas e políticas.

## **Post-Puebla**

O Documento de Puebla teve acolhida favorável na Igreja da América Latina, e canaliza estudos e reflexões que favorecem uma visão mais integrada da missão da Igreja. Certamente Puebla traz boa dose de serenidade ao conjunto da Igreja, e inspiração no caminhar pausado de muitos grupos. Seria, porém, pecar por otimismo, atribuir a Puebla o mérito de pôr em movimento, no interior da Igreja da América Latina, a articulação das diversas vocações, funções e carismas, de modo que o corpo eclesial responda organicamente aos desafios evangelizadores que a realidade nos apresenta. Sem ignorar que tais impulsos aparecem em muitas Igre-

jas, é possível reconhecer, com preocupação, um crescente "macroencefalismo" que desanima a ativa participação de distintos setores do Povo de Deus, em consequência de "balcanização" de uma Igreja em inumeráveis grupos de influência.

Para sociedades com evidentes sintomas de enfermidade, a Igreja tem a Palavra iluminadora e não teme expressar as exigências que nascem da fé cristã. Porém, com muita frequência, magníficos documentos eclesiais não encontram uma coerente pastoral dessa Igreja, nem são avalizados por uma boa práxis de participação e de reconciliação no seu próprio interior.

A comunhão real e ativa dos Institutos religiosos nas Conferências Nacionais, além de ser em si mesma válida expressão de fé, permite identificar colaborações concretas que brotam de nossa vida e vocação e ajudam o crescimento qualitativo de nossos povos. É necessário que as Conferências de Religiosos se indaguem sobre o que significa para elas a Igreja e o país, no momento histórico concreto, às vezes crucial. Não permitamos que o cansaço dos anos conflitivos, ou certas situações de Igreja, nos levem a cómodos individualismos institucionais, ou que, metidos em mesquinhas coordenadas Este-Oeste, comunismo-anticomunismo, nos resignemos a ser passivos observadores das lutas ideológicas. A partir de uma comunhão ativa e da consciência da missão assumida pelo corpo religioso de cada país, se construa e se fortaleça a comunhão latino-americana, da qual a CLAR é sinal e serva.

## Como CLAR

Nas duas Assembléias realizadas no post-Puebla (São Domingos, 1979, e Paraguai, 1982), ouvimos o anseio de trabalhar pela comunhão eclesial, o pedido de consolidar as tendências que representam os impulsos da Vida Religiosa: experiência de Deus, inserção na Igreja Local, opção pelos pobres e vida fraterna de comunhão, e a preocupação pela formação dos jovens que abraçam nossa vida.

Essas linhas programáticas de nossas Assembléias Gerais podem inspirar, como inspiram atualmente, um acúmulo de atividades da CLAR nos próximos 25 anos. Mas encerram uma única inspiração que já estava claramente expressa no Documento do México (1966): uma autêntica Vida Religiosa latino-americana. A comunhão eclesial não é uma tarefa a mais, ao lado de outras. É o marco de referência e a aspiração de toda nossa missão, vida e apostolado. Podemos ampará-la, criando canais estruturais de comunicação, participação e diálogo. Porém, em última análise, passa pela experiência do Deus que nos chama ao seguimento de seu Filho, servidor fiel. Crescer em nossa vocação e missão é trabalhar para a **Comunhão**, que geralmente passa pelo caminho da Cruz.

O seguimento de Cristo, para a Vida Religiosa na América Latina, passa pelo seguimento do Crucificado, escandalosamente presente nos crucificados de nosso Continente. No meio deles se encontra nossa residência efetiva e afetiva, de onde,

com a sabedoria da Cruz, adquirimos nova compreensão de Deus, da Igreja, de nós mesmos e do mundo.

Temos que aceitar e aprofundar uma experiência de vida, que já tem um certo caminho andado, de comunidades inseridas em meios pobres. CRIMPO é modesto projeto nesta direção. Por outro lado não podemos desconhecer como surgiram, no mundo dos pobres, comunidades fraternas e participativas de base como um modo novo e melhor de ser Igreja. Seu testemunho de fé, amor e solidariedade até a morte, nos fala da madureza desta realidade irreversível que o Espírito suscitou em nosso meio. Temos também que entender a Vida Religiosa, e preparar os jovens a viver o carisma religioso também no interior deste modelo eclesial.

Não permitamos que prevenções, suspeitas e discussões teológicas tornem irrelevante a missão de nossa vocação. Pelo contrário, aprofundemos nossa experiência de Deus, conhecido e amado no seguimento livre e sincero de Jesus crucificado e assumamos, como corpo religioso, as exigências que brotam deste conhecimento e da realidade social e eclesial que vivemos em cada um de nossos países.

## A guisa de Conclusão

Tratei de assinalar o itinerário da CLAR e, de alguma forma, apontar a direção do futuro. Fí-lo sem pretensões de historiador nem de analista. Não sou nem um nem outro. Sou apenas uma testemunha da Igreja, que acompanhou um trecho da caminhada da CLAR e que manu-

seou um pouco os arquivos do passado, com a alegria de "reconhecer-se" nos fundamentos.

Permitam-me duas observações. Falei da Instituição e quase não falei de pessoas concretas. É uma opção que não significa renúncia ao reconhecimento agradecido a muitos irmãos e irmãs que são realidades vivas da CLAR. Ficaram no cone de sombra, de modo a apreciarmos melhor as coisas de Deus, e ao recordá-las O louvamos cheios de gratidão.

Ao referirmo-nos aos últimos cinco anos, deixamos à margem fatos

eclesiais de importância, como as visitas pastorais do Papa às nossas terras. Assim como fatos e situações com matizes novos da realidade social. Preferi seguir o fio particularizado da CLAR, no marco do Vaticano II, Medellín e Puebla, insinuando apenas alguns traços do futuro que nos põem mais decididamente no caminho da Redenção. Fazêmo-lo com muita esperança, testemunhas que somos de tanta vida que o Espírito suscitou no meio de nós, de tanta solidariedade entre as Igrejas, estimulados, de modo especial, pelo eloquente testemunho do sangue de nossos mártires.

---

### Diálogos — 8 —

**Bíblia:** "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11,25).

**Leitor:** Um critério de ação para Você e para mim. Uma medida privilegiada, embora não exclusiva, da autenticidade de nosso seguimento de Cristo. Uma tomada de consciência sobre uma opção preferencial: pobres, necessitados, pecadores, enfermos, fracos, trabalhadores...

**Bíblia:** "O Espírito do Senhor me enviou para evangelizar os pobres; enviou-me a sarar os contritos de coração, a anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, a pôr em liberdade os oprimidos e a pregar o ano favorável do Senhor" (Lc 4,18-19).

**Leitor:** A missão do religioso e da religiosa traz consigo tarefas e atitudes muito claras: (1) O anúncio do evangelho de Jesus aos pobres. (2) A promoção da justiça. (3) A denúncia de todo projeto histórico que afete a dignidade do homem. (4) A defesa dos direitos inalienáveis da pessoa. (5) A inculturação que expressa a encarnação de Jesus nas atuais circunstâncias históricas.

# COMUNHÃO

E

# INSERÇÃO

## Comunicado da XX Junta Diretiva da CLAR aos Religiosos da América Latina

1. No Encontro realizado em FORTALEZA, para celebrar os XXV ANOS DA CLAR, e para a reunião ordinária da JUNTA DIRETIVA, aconteceu um fato singular. Lidos os Informes das diferentes Conferências Nacionais, refletimos sobre eles e percebemos uma notável coincidência que ia ressoando como música de fundo. Saliavam-se, entre todos, o tema da comunhão com a Igreja e o povo, e o tema da opção pelos pobres que nos últimos anos foi tomando força admirável.

2. Era, ademais, natural que o tema da animação da comunhão em todos os níveis, pedido como tarefa prioritária da CLAR, pela VIII ASSEMBLÉIA, em YPACARAI, e urgido novamente na JUNTA de PORTO RICO, aparecesse de forma repetida nos informes de trabalho das Conferências. Mas agora se apresentava como exigência de comunhão com os pobres (de inserção), entendida como apelo de Deus, como seguimento de Jesus que quis refazer a comunhão e a reconciliação precisamente junto aos pobres e excluídos de seu povo.

### A inserção como dom do espírito

3. Ao se comunicarem estas impressões, começou a brotar em nós um gozo interior que tinha todas as características de um autêntica experiência de Deus. Percebíamos a ação do Espírito na Vida Religiosa Latino-americana a quem Ele estava conduzindo para um compromisso cada vez mais claro e sereno com os pobres da terra. Aquela opção pelos pobres que o Episcopado Latino-americano fez em PUEBLA, em nome de toda a Igreja do Continente, está se realizando, de modo inspirador, na inserção de muitos Religiosos em ambientes populares. E sentimos que esta inserção está influenciando grandemente na renovação de nossa vida consagrada, fazendo-nos recuperar valores evangélicos talvez esquecidos: simplicidade, pobreza, resistência diante do sofrimento, confiança na Providência, e sobretudo, foi abrindo-nos para a missão evangelizadora como eixo ao redor do qual todas as outras coisas se harmonizam. As comunidades inseridas, que já trouxeram uma luz nova à Vida Religiosa, se

apresentam hoje na AMÉRICA LATINA, como lugar privilegiado onde o Espírito gera uma torrente vivicante que dá à opção pelos pobres, veracidade e credibilidade.

### **Convivendo com os pobres**

4. É um fato consolador, constatado no Documento de PUEBLA, ver que nos últimos anos foi crescendo o número de comunidades religiosas que convivem com os pobres, em bairros marginalizados ou no campo. Merecem especial menção as comunidades femininas que se distinguiram nessa inserção, pelo número e generosidade. Buscam encurtar a distância com o povo, na austeridade e simplicidade de vida, no vestir, na moradia, na alimentação. Mas a inserção não fica no material da vida apenas. Estes religiosos buscam também estar ao lado dos pobres na defesa dos seus direitos elementares de trabalho, saúde, alimentação, em sua luta contra a opressão e a injustiça. Procuram inculturar-se, apreciando os valores do povo, seus costumes, folclore e religiosidade. E acima de tudo, desejam ajudar na construção do Reino de Deus com sua vida de oração, seu espírito de serviço, seu amor fraterno e comunicação da Palavra. É o seguimento de Cristo na sua situação concreta de América Latina. É a encarnação que o Filho de Deus realizou no meio de seu povo, para estender a Redenção e a Libertação integral. E, ao mesmo tempo que evangelizam, reconhecem que também eles são evangelizados pelos pobres.

### **Assumindo a causa dos pobres**

5. Há muitos outros religiosos na América Latina que, sem estarem inseridos em meios populares, têm seu "lugar social" entre os pobres. São os que assumiram, como própria, a causa dos pobres. Talvez trabalhem num colégio ou paróquia urbana, mas são, a cada instante, a voz dos sem voz, são os que, do alto de sua cátedra, tentam fazer de seus discípulos, cristãos comprometidos com a justiça. Ou é o Provincial que planeja o apostolado, orientando-o para os marginalizados. Ou os que mantêm só aquelas obras tradicionais que favorecem os interesses dos pobres. Aqui se deve citar um grande número de Institutos Religiosos que, em seus Capítulos Gerais ou Provinciais, fizeram opção pelos pobres, e cujas fundações posteriores, foram todas feitas em setores populares mais abandonados.

### **O caminho do Senhor**

6. Não podemos falar só no número de religiosos que foram aumentando as fileiras dos que estão do lado dos pobres. O mais importante é que se foi formando uma corrente cada vez mais poderosa, por força do Espírito Santo que faz sentir a muitos religiosos que este é o caminho do Senhor. Eles experimentaram, em sua entrega aos irmãos mais pequenos, a plena realização de sua vida de consagração-missão. E assim se ligam com o que foi a primeira inspiração de seus próprios Fundadores que sentiram o chamado do Senhor para consagrar

a própria vida aos pobres. Isso explica a acolhida que tem encontrado o Projeto CRIMPO, e o dinamismo que, a seguir, alcançou, em alguns países. Essa opção fundamental vai se traduzindo num compromisso cada vez mais forte com as maiorias empobrecidas, na medida em que um autêntico discernimento espiritual vai colocando novas exigências no seguimento de Jesus.

7. A JUNTA DIRETIVA DA CLAR, querendo ser fiel à sua missão de animação, incentiva os religiosos da América Latina, e de modo especial os jovens que queiram viver radicalmente o Evangelho, a seguirem este movimento do Espírito, intensificando, em todas as partes, o compromisso com os pobres, apoiando aqueles que sentem o chamado a uma inserção entre eles, acompanhando-os especialmente nos momentos de incompreensão e desânimo. E sobretudo, oferecendo-lhes seus serviços: recolher e avaliar, sistematicamente, as experiências de inserção, prosseguir a reflexão teológica sobre o tema, contribuir na busca de uma espiritualidade específica. Dessa forma se irá conseguindo que a inserção que, em muitos ambientes ainda, é de uma minoria, se converta na forma mais normal de viver nossa Vida Religiosa. Ir-se-á corrigindo a desproporção escandalosa de nossas forças apostólicas que se dedicam, em sua maior parte, às classes média e alta. Poderíamos atender assim, ao pedido de muitos Bispos que reclamam uma melhor distribuição de nosso pessoal.

## Dificuldades e esperanças

8. Descobrimos, através de nossa reflexão, que o caminho para este compromisso cada vez mais claro com os pobres da terra, exige conversão e "rupturas" pessoais e institucionais. Comprovamos, com realismo, que são muitos os condicionamentos que dificultam a inserção: às vezes nos falta conhecimento da realidade da pobreza, ou também o rumor que nos rodeia, nos impede de escutar o clamor que brota das angústias do povo. Em certos casos, é o peso das obras tradicionais ou seu estilo, que gera relações sociais, mentalidades, hábitos ou compromissos bem diferentes dos interesses do pobre. Há dificuldade real na carência de uma pedagogia da inserção que nos facilite uma autêntica aproximação da causa dos mais necessitados, e que oriente a formação dos novos religiosos neste aspecto. Precisamente, os compreensíveis erros, num caminho novo e difícil, foram causa do fato de que alguns criem receios, medos, desconfianças. Tudo isso obstaculizou também o dinamismo desse processo.

9. Mas frente a todos esses obstáculos reais, descobriu-se também, na reflexão desses dias, que há potencialidades, nas pessoas e Congregações, através das quais o Espírito dinamiza a Vida Religiosa no seguimento de Jesus "feito semelhante a nós em tudo, menos no pecado". Interpela-nos a própria realidade, porque a situação de injustiça e conflitos desafia-nos para uma nova resposta, e porque uma melhor aproximação metodológica que parte da

análise da realidade, a facilita. Vem-se dando entre nós um progressivo conhecimento da situação, não só teórica mas também vivencial. Fortalecem-nos, sobretudo, os irmãos na fé: contamos com o testemunho de Bispos que influenciam não só as próprias Dioceses, mas também a Igreja de toda a América Latina. Contamos com o testemunho de religiosos já inseridos em meios populares, e com todo o empenho das CEBs. Muito especialmente contamos com "nossas testemunhas", os que morreram por causa dos pobres. Nestes dias de JUNTA DIRETI-VA, tudo isso nos dinamizou como CLAR, e produziu em cada um de nós, a experiência espiritual de exigência, de iluminação e de coragem que estamos tentando comunicar. Esta experiência de Deus, vimo-la confirmada logo em nossa chegada, no contato e relacionamento com o povo cristão de FORTALEZA, e

teve seu momento mais alto quando todos, sacerdotes, religiosos, CEBs, nos reunimos numa paróquia de periferia, com Dom ALOYSIO LORS-CHEIDER, o Pastor da Diocese, para celebrar nossa comunhão. Foi uma Eucaristia de compromisso, de alegria e fraternidade. Eucaristia, sinal da Igreja dos Pobres. Eucaristia, anúncio e dádiva do Reino de Deus que queremos construir.

10. Tudo isso é o que queríamos comunicar a todos vocês, irmãos religiosos da América Latina, porque foi isso que vivemos intensamente ao longo desses dias, em nossas reflexões. E o dizemos sem pretensões, da mesma maneira como essa gente simples das CEBs do CEARÁ no-lo fez viver. Que o Espírito do Senhor o comunique também a vocês.

FORTALEZA, 5 de abril de 1984

---

### Diálogos — 9 —

**Bíblia:** "Agora sei que o Senhor me livrou das mãos de Herodes e da expectativa do povo judeu" (At 12,11).

**Leitor:** A fé em JESUS CRISTO não é feita para ficar atrás das grades, trancafiada. Manietada. Na clandestinidade. A fé em Jesus Cristo deve ir à frente. Livre. Deve presidir aos acontecimentos. Ser um vigia sobre os telhados. Destacar-se como figura cimeira. Confessar, isto é, proclamar Jesus Cristo. Crer e testemunhar. Só a fé em Jesus Cristo coloca o homem no âmbito da graça e lhe faculta, no Espírito, construir uma humanidade nova, antípoda do pecado. O mundo necessita urgentemente desta fé e da graça poderosa de Cristo que veio salvar libertando.

# À CRB NACIONAL

## QUERIDOS IRMÃOS E IRMÃS

Muito obrigado, Irmãos, por nos terem possibilitado celebrar, com vocês, os XXV Anos da CLAR e sua XX JUNTA DIRETIVA. Obrigado pelo apoio de vocês e por sua presença entre nós.

Foi uma verdadeira Eucaristia, cuja expressão máxima foi a celebração do dia 1º, quando tivemos a alegria de vivermos juntos toda a dimensão de nossa comunhão eclesial, a Missa presidida pelo Cardeal Dom ALOYSIO, com a presença de tantos sacerdotes, religiosos e comunidades do Ceará, e da CLAR.

Nós nos felicitamos por termos tido a sorte de terem sido vocês os que nos acolheram: a dedicação e encarnação de vocês nos permitiram viver nossa Eucaristia com aqueles que são o principal objeto de nossa vocação, o povo.

Igualmente, por graça de Deus, quis Ele manifestar-se claramente entre nós, durante nossa reunião, para nos convidar a darmos um passo a mais na fidelidade a seu seguimento, impelindo-nos à inserção entre os pobres, a deslocar-nos em direção àqueles que são seus preferidos, para que possamos ser mais sensíveis a seus sofrimentos, a seus problemas... Para nos unir a eles e buscarmos, à luz do Espírito, caminhos de libertação.

Creemos que todos experimentamos a passagem do Senhor.

Por tudo isso queremos agradecer-lhes, e que, juntamente com a chuva que chegou e promete aliviar a fome do Nordeste, chegue também a força do Espírito para que a vida religiosa seja fecunda, e a Conferência de vocês a anime e impulsione a ser cada vez mais fiel, mais coerente no seguimento de Jesus.

Fraternalmente,

(Assinam: MATEO PERDIA CP,  
Presidente da CLAR  
SILVINO JOSÉ FRITZEN FSC,  
Vice-Presidente da CLAR  
SILVIA CONDE SA,  
Vice-Presidente da CLAR  
GASTON GARATEA SSCC,  
Vice-Presidente da CLAR  
HERMENGARDA ALVES MARTINS RSCJ,  
Secretária Geral da CLAR)

# À CRB DE FORTALEZA

À Diretoria da CRB Regional  
Aos Religiosos de Fortaleza

Saudações fraternais

A CLAR acaba de ter o privilégio de poder celebrar a abertura de seu jubileu de prata e realizar a XX reunião da Junta Diretiva, aqui em Fortaleza. Fomos acolhidos fraternalmente por Dom Aloysio Lorscheider, na qualidade de amigo da CLAR e pastor desta Igreja particular, e pela CRB Regional, que nos abriram seu coração e o espaço para que a celebração e a reunião acontecessem. Fomos ainda aquinhoados por tantos gestos concretos e gratuitos de acolhida, hospitalidade, preparação, organização, dedicação e acompanhamento. Nada nos faltou.

A presidência da CLAR e a Junta Diretiva expressam profunda e sincera gratidão, não somente para o Pe. Ricardo Delahunty e para a Irmã Isabel Tooda, respectivamente presidente e secretária, como também para os demais membros da dinâmica Diretoria da CRB Regional.

Igualmente levamos o nosso reconhecimento para todos os religiosos e formandos de Fortaleza pela presença e apoio prestados na realização destes importantes acontecimentos.

Sairemos encantados daqui pelo que vivemos e vimos, em relação a florescente e segura caminhada da Vida Religiosa de Fortaleza. Vocês nos marcaram com o seu testemunho de vida consagrada, com a participação massiva na celebração eucarística na Igreja Nossa Senhora das Graças e com a presença significativa nas duas reuniões com a CLAR.

Louvamos a Deus pelo exemplo de fidelidade ao Espírito e aos apelos da Igreja que de todos recebemos.

Como sinal de apreço e estima que todos devotamos aos Religiosos de Fortaleza, esta mensagem de gratidão segue assinada pela presidência da CLAR e pelos Religiosos presentes da Junta Diretiva.

Unidos no mesmo ideal de seguidores de Cristo, e conscientes de que “sem encarnação não há redenção”, nos subscrevemos,

XX JUNTA DIRETIVA DA CLAR  
FORTALEZA, 27/3-5/4/1984

# PELA REDENÇÃO DA AMÉRICA LATINA

**Pe. Francisco Taborda, SJ**

Meditação para a XX Junta Diretiva da CLAR  
Fortaleza, 31 de março de 1984

“Pela Redenção Latino-americana” parece um lema muito pretencioso, triunfalista, se é entendido como se os religiosos fossem colaboradores da obra redentora e não também beneficiados pela mesma Redenção.

Uma reflexão teológica sobre este lema deverá partir de que, antes de serem colaboradores da Redenção, os religiosos têm necessidade de Redenção.

Ora, redenção supõe pecado. É, portanto, do pecado que deve partir qualquer reflexão sobre a Redenção. Também quem quiser ver a VR sob o prisma da Redenção, deverá partir desse fecundo ponto de partida: os Religiosos somos pecadores.

Esse enfoque é fecundo, porque permite realismo histórico e fidelidade ao Evangelho na reflexão sobre a VR.

Partir do ideal da VR, que é o ideal cristão, sem considerar o pecado presente na VR, leva facilmente a que esta se apresente a nossos olhos imaculada, sem mancha nem ruga, mas com isso idealizada de

uma forma que nos poderia levar a desilusões. E principalmente levar a desencanto o jovem que a abraça desde esta pintura idealista.

Vista desde seu pecado, a VR não se apresentará talvez tão bela e esplendorosa, mas surgirá mais veraz e mais cristã: uma forma de vida que, apesar de seu pecado, na humildade, entre dificuldades e tropeços, tenta atingir alvo tão sublime.

Do ponto de vista teológico, é preciso partir do pecado para considerar a VR, porque é no contraste com o pecado que a graça resplandece mais magnificamente. Para falar da graça de Cristo, Paulo não encontrou meio mais eficaz que contrastar com a universalidade do pecado. Por isso demonstra, no início da Epístola aos Romanos que todo o homem — judeu ou pagão — vive sob o pecado e por isso necessita Redenção, não tendo nenhum mérito com que se apresente diante de Deus. A Redenção é dom gratuito do amor de Deus. Daí a necessidade para todos — da conversão que consiste em o homem abandonar a própria segurança e lançar-se

no amor gratuito de Deus. A segurança para o judeu estava na Lei, para o pagão nos ídolos. Era necessário que os abandonassem, dando sua adesão ao Deus vivo e verdadeiro, que sempre chama ao novo, à coragem de assumir a história.

Partir do pecado para pensar a vida cristã ou essa forma de viver cristãmente que é a VR, não é negativismo ou pessimismo. É realismo. É fidelidade ao mesmo tempo a Deus e ao homem.

E qual é o pecado da VR do qual somos chamados a converter-nos? Seria superficial enumerar uma série de atos ou infidelidades, se não se procurasse ir à raiz deles. E essa raiz só se encontra, se se considera que, antes de sermos religiosos, somos cristãos, somos homens. O pecado-raiz deve ser procurado na própria comunhão com a humanidade pecadora.

Qual o pecado da humanidade hoje? O pecado da América Latina? Aquilo que os bispos em Puebla chamaram de "pecado social", a "injustiça institucionalizada". Pecado que é social não só porque atinge a sociedade, mas principalmente porque sobre ele se constrói e estrutura a sociedade. A injustiça em nossa sociedade não é meramente um elemento a mais. Ela é o dinamismo estruturador. A sociedade assim como é, só consegue manter-se à força de injustiça. No momento em que se quisesse instaurar justiça, não seria este ou aquele ponto da sociedade que seria abalado, mas o sistema social vigente como um todo. É que o princípio estruturador

que comanda todas as relações sociais é o princípio da acumulação nas mãos de alguns, mesmo à custa da morte de muitos. Isso é o "pecado social". Social não só por seu conteúdo; social também por sua formalidade, como pecado estruturante de todo o corpo social.

Neste pecado é solidário todo homem que hoje vive na América Latina, na medida mesma em que não se insurja contra ele, na medida em que compactua com a realidade vigente. E compactua-se com ela pelo simples fato de vivermos nessa sociedade sem querer modificá-la. O que vale de todo homem, vale também do religioso.

Nem se diga que esse pecado é muito "horizontal" por ser pecado de injustiça. Ele é — se quiserem a expressão — "vertical", porque essa injustiça é, em termos teo-lógicos, idolatria.

Idolatria é adorar o não-adorável, pôr como fim último do homem o que é fim penúltimo ou menos ainda, é absolutizar o relativo. Ora, numa sociedade baseada no lucro e no poder, a acumulação de capital é posta como valor supremo. E por amor a ela não se duvida em matar o irmão de fome, de carência dos bens e direitos mais elementares. É Deus que está em questão na morte do irmão.

Esse é o pecado da América Latina hoje, o pecado do mundo, de que também nós religiosos participamos, necessitando redenção.

Mas para nós esse pecado se torna ainda mais grave, por nossa própria condição.

A VR pertence ao âmbito do simbólico. A sua missão pertence viver os valores evangélicos de forma a ser sinal antecipador do “eschaton”. Sua missão não é meramente o assumir um conjunto de tarefas pastorais a serem realizadas, mas deve informar a própria vida. E esse é o sentido dos votos e da vida fraterna. Pela renúncia ao que há de mais pessoal no homem: o amor conjugal, a posse, a livre disposição sobre seu projeto de vida, o religioso proclama a relatividade de todos os bens fora Deus. E com isso o absoluto de Deus. Pela vivência da vida fraterna, por sua vez, anuncia a fraternidade como expressão do amor de Deus.

Mas o problema de toda ação simbólica é que ela pode iludir: fazer pensar que, realizando o símbolo, estamos dispensados de realizar o simbolizado. Ora, o Reino de Deus que é afirmação do absoluto de Deus e da justiça entre os homens, não se realiza no símbolo, mas pela ação transformadora de uma história de pecado em história de graça. Prenunciá-lo simbolicamente pode ser uma forma de fugir do esforço de realizá-lo, de trabalhar por ele.

Enquanto realidade simbólica, a VR pode esconder a falta de radicalidade evangélica. Assim um determinado estilo de vida — talvez válido em outras circunstâncias históricas é sancionado como bom e santo em nome da VR, quando hoje apenas justifica e oculta uma total falta de encarnação. Em nome do voto de pobreza se pode “justificar a falta de pobreza real, de solidarie-

dade real com os pobres e de parcialidade para com eles”, os preferidos do Senhor (Jon Sobrino). Em nome do voto de castidade se pode dissimular a incapacidade de doar-se radicalmente no amor e de expor-se ao risco pelo outro. Em nome do voto de obediência se pode encobrir a falta de coragem em assumir a própria responsabilidade na história.

Assim o caráter simbólico da VR não nos deve distrair de vê-la participando do pecado social. Pelo contrário, deve precaver-nos contra a malícia suprema a que pode levar: dispensar-nos de reconhecer o pecado, ofuscados pela grandeza do ideal de ser símbolos escatológicos por nossa própria existência.

Isso é o pecado potenciado em sua malícia, pois nos permite fugir de Deus sob o pretexto de servir a Deus. Pecado semelhante ao dos fariseus que em seu apego à Lei de Deus, não conseguiram ver como se afastavam de Deus, daquele Deus que se revelava na história desse pobre biscateiro de Nazaré.

Esse pecado potenciado da VR deve ser visto como presente não só a nível de pessoas (religiosos e religiosas), mas também a nível de instituições e do modo de agir (linguagem não-verbal). As obras, as edificações, os meios que usamos, os religiosos, podem mostrar e mostram, de forma mais eficaz que as palavras, se compactuamos e quanto compactuamos com o pecado social, sob os piedosos nomes de nossos Fundadores e do próprio Senhor. E, desta forma, permitindo que a injus-

tiça, expressão da idolatria, continue a ser determinante na sociedade e colaborando com ela, encobertos no nome de Deus, estaremos deixando que entre os povos seja blasfemado o nome do Senhor.

Isso leva a uma consideração humilde da VR: não é caminho real, mas uma forma de vir a ser cristão, com seus perigos específicos, nos quais se mostra sua genuinidade, pois graças a esses perigos não nos é possível manipular a Deus. E com isso justamente a VR se mostra cristã, caminho de adoração ao Deus sempre maior, caminho que deixa Deus ser Deus, não o empequenece à maneira de um ídolo ou de uma criatura.

Tendo o pecado como condição muito real de nossa vida, os religiosos somos os primeiros a precisar da Redenção. Chamados a proclamar a Redenção, não falamos de algo que nos é estranho, mas que nós mesmos temos constantemente necessidade de experimentar, porque pecadores e expostos ao pecado.

Como necessitados de Redenção, precisamos reconhecer nossa participação no pecado social. Mas, como redimidos e chamados a colaborar com a Redenção, precisamos considerar o caminho redentor de Jesus Cristo e reconhecer que "sem Encarnação não há Redenção" e "sem derramamento de sangue não há Redenção". Como pecadores carentes de Redenção, encontraremos

obstáculos e resistências para encarnarmo-nos como "redentores" e não como pecadores no mundo que aí está. Porque encarnar-se como "redentores" supõe enfrentar-se com o pecado social e, conseqüentemente, com os príncipes deste mundo até dar a vida como Jesus.

Por tudo isso estamos hoje diante do Senhor para reconhecer nossos pecados e pedir a graça da conversão à verdadeira radicalidade evangélica. É o que nós queremos fazer no dia de hoje.

Tendo presente as reflexões (de ontem) sobre a inserção, sua importância, sua genuinidade evangélica, perguntamos não mais quais as dificuldades que se opõe a sua implantação, mas, voltando-nos para nós, quais os principais obstáculos que encontramos em nosso interior, quais as resistências internas nossas, das Congregações, das Conferências de Religiosos, para essa caminhada da VR rumo a mais inserção? É o apelo de conversão que o Senhor nos faz hoje.

Se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. É o Senhor que bate à porta com seu convite à conversão. Tratemos de aceitá-lo. E para tanto perguntar também pelas potencialidades nossas que devemos desenvolver para colaborar, cada um a sua maneira e com seu carisma, nessa volta aos pobres, que é a genuína volta às origens de nossos Fundadores e do Evangelho.

O que Você leu nos rodapés das páginas 386, 390, 403, 406, 411, 421, 425, 438, 442 é texto do Pe. Marcos de Lima, SDB.

# Manual de Animação para a Vida Religiosa

**Autores:** Pe. Jaime Sullivan, OMI e Pe. Ruben Elizondo, OMI. **Editora:** Publicações CRB. **Ano:** 1984. **Páginas:** 372. **Tamanho:** 14,5 cm × 21 cm. **Preço:** Cr\$ 3.900,00.

**MANUAL**, de "manus" = mão. Um guia prático que contém um núcleo de elementos compatíveis, quais parâmetros teológicos, com a vida experienciada pelos Religiosos e Religiosas. O livro não vem substituir o que é próprio da tradição das Congregações, Ordens e Institutos, irrealismo que ninguém pretende realizar. Este repertório das tradições não tem substitutivo. Embora o **Manual** apresente alguns modelos acabados — resultando, creio, a título de exemplo, mais beleza formal e clareza em seu objetivo — sua função propedêutica, entretanto, é ser **uma coleção inicial de motivações, sugestões, propostas, roteiros**. A um só tempo, o livro quer educar para a atitude de constante flexibilidade e criatividade nas formas e de superação conseqüente da rotina e da passividade, pois a Vida Religiosa precisa ser saboreada como fruto de progressiva conquista pessoal. Conquista de excelência. Ou se vive, com excelência, a vida cristã, ou se morre, de vez, para a Vida Religiosa. É a lição de nossos Santos Fundadores, de valor universal, capaz de ensinar com eficiência didática.

**MANUAL DE ANIMAÇÃO**, de "anima" = alma, o princípio interno do movimento e da vida que faz acontecer. **Animação** fala de dinamismo. Lembra ritmo de cadência — caminhada ou marcha — para outra realidade pré-estabelecida, buscada em conjunto. Animação, aquela **obra complexa e delicada de estímulo**, mediante a participação ativa e responsável de todos para o desenvolvimento e o amadurecimento de nossas opções fundamentais. Animação abstrata não existe. Por isso, o livro do Pe. Jaime e do Pe. Ruben é **um subsídio concreto**. A animação abrange, por si, todo o horizonte da Vida Religiosa. É certo, porém, que ela privilegia a espiritualidade, a vida litúrgica e de oração, como sua especificidade e fisionomia próprias. Mas não se reduz a isto. A Vida Religiosa não se dissocia do elemento humano que a encarna. E o livro não descurou este aspecto.

**MANUAL DE ANIMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA**, ou seja, aquela forma de vida cristã dos que professam nas atuais Ordens, Congregações e Institutos Religiosos, aprovados pela Igreja. É um entendimento concreto, algo jurídico-teológico. Não se trata de animar alguma coisa ideal. **TUDO**, porém, na Vida Religiosa, assim entendida, não pode depender de um Manual. Seria submeter as pessoas a um **repisado ritualismo, caricatura do homem novo**, livre, solidário, crítico, que se quer plasmar em cada Religioso e Religiosa. O caráter impositivo dos fatos e a dinâmica própria da história ensinam que nossos esforços para aprimorar a Vida Religiosa não podem ser dirigidos no sentido de moldar resultados como um artesão molda sua obra, mas, simplesmente, no sentido de propiciar um meio-ambiente favorável ao crescimento harmonioso, como o jardineiro faz com suas plantas. Neste sentido, o livro, sobre ser tempestivo, é de incontestável valia.

O **MANUAL** é um **instrumento**. Logo, é incompleto, provisório, sujeito a aperfeiçoamentos futuros, como é da natureza de qualquer meio. O que realmente decide é a competência de quem manuseia o instrumento. Quem ler este **Manual de Animação para a Vida Religiosa** haverá de concluir: não obstante os seus limites, ele pode prestar — e já está prestando — um serviço importante, de relativa necessidade, cujo saldo fará um resultado apreciável, na construção de uma consistente Vida Religiosa na Igreja no Brasil.

**Pe. Marcos de Lima, SDB**  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB